

IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL - IPB
JUNTA DE EDUCAÇÃO RELIGIOSA-JET
JUNTA REGIONAL DE EDUCAÇÃO RELIGIOSA - JURET
SEMINÁRIO PRESBITERIANO DO NORTE – SPN

ARNALDO MATIAS CAVALCANTE NETO

PRINCÍPIO REGULADOR DO CULTO:
ADORAÇÃO CRISTÃ EM UMA PERSPECTIVA BÍBLICO-REFORMADA

RECIFE-PE

2020

ARNALDO MATIAS CAVALCANTE NETO

**PRINCÍPIO REGULADOR DO CULTO:
ADORAÇÃO CRISTÃ EM UMA PERSPECTIVA BÍBLICO-REFORMADA**

Monografia apresentada ao Curso Livre de Teologia do Seminário Presbiteriano do Norte como um dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Teologia.

Orientador: Prof. Rev. Fúlvio Anderson Pereira Leite

RECIFE

2020

ARNALDO MATIAS CAVALCANTE NETO

**PRINCÍPIO REGULADOR DO CULTO:
ADORAÇÃO CRISTÃ EM UMA PERSPECTIVA BÍBLICO-REFORMADA**

Trabalho de conclusão do Curso Livre
apresentado ao SBN como parte das
exigências para obtenção do título Bacharel
em Teologia.

Recife, _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Rev. Fúlvio Anderson Pereira Leite (orientador)

Seminário Presbiteriano do Norte – SPN

Prof. Rev. Daniel Carneiro da Silva (Examinador – SPN)

Seminário Presbiteriano do Norte - SPN

Rev. Arnaldo Matias Cavalcante Filho (Examinador – Presbitério)

Presbitério Centro de Pernambuco – PCPE

AGRADECIMENTO

Agradeço ao meu Senhor, por ter me chamado para cuidar do seu rebanho e para zelar pelo Seu culto; por cuidar de mim durante esses anos de aprendizado no seminário.

Agradeço também aos meus pais, Arnaldo e Daniella, que em todo tempo me apoiaram na confecção deste trabalho, ora dispensando-me de alguns afazeres, ora escutando-me nos meus momentos de aflição, me incentivando e orando por mim.

Agradeço também a minha querida Ellen, que me auxiliou através da oração e tradução de alguns textos em inglês.

Também não posso me esquecer do meu orientador, o pastor Fúlvio Leite, que foi muito atencioso comigo, indicando e fornecendo livros para a minha pesquisa, corrigindo e orientando-me e alegrando-se no progresso do trabalho.

Aos meus colegas de turma, em especial, Hudson, que às vezes parece um irmão mais velho, e Rafael, que sempre mandou mensagens perguntando sobre meu progresso na monografia, emprestou livros e orou por mim.

Por esses e muitos outros, eu agradeço a Deus por ter colocado em minha caminhada nesta terra. Todo louvor ao Senhor!

*Porque o Senhor, teu Deus, é fogo que consome, é
Deus zeloso.*

Deuteronômio 4.24

BASE CONFSSIONAL

CONFISSÃO DE FÉ DE WESTMINSTER

CAPÍTULO XXI

DO CULTO RELIGIOSO E DO DOMINGO

I. A luz da natureza mostra que há um Deus que tem domínio e soberania sobre tudo, que é bom e faz bem a todos, e que, portanto, deve ser temido, amado, louvado, invocado, crido e servido de todo o coração, de toda a alma e de toda a força; mas o modo aceitável de adorar o verdadeiro Deus é instituído por ele mesmo e tão limitado pela sua vontade revelada, que não deve ser adorado segundo as imaginações e invenções dos homens ou sugestões de Satanás, nem sob qualquer representação visível ou de qualquer outro modo não prescrito nas Santas Escrituras.

Romanos 1.20; Salmo 119.68, e 31.33; Atos 14.17; Deuteronômio 12.32; Mateus. 15.9, e 4.9, 10; João 4.3, 24; Êxodo 20.4-6

RESUMO

A doutrina do princípio regulador do culto recebeu esse nome no período dos puritanos, mas sua existência vem desde que se há notícias de seres humanos adorando a Deus. Através de uma análise histórica e teológica encontramos esse princípio estritamente ligado ao *sola scriptura*, outro termo cunhado após a Reforma mas sempre existente entre o povo de Deus. Essa doutrina consiste em regular a adoração ao Senhor exclusivamente por meio de seus mandamentos explícitos e deduções legítimas, como regra hermenêutica, de que somente aquilo que Deus ordena fazer deve ser feito no culto. O modo aceitável de adorar o verdadeiro Deus é instituído por ele mesmo e tão limitado pela sua vontade revelada, que não deve ser adorado segundo as imaginações e invenções dos homens ou sugestões de Satanás nem sob qualquer representação visível ou de qualquer outro modo não prescrito nas Santas Escrituras. Analisamos as bases do Princípio Regulador do Culto de maneira lógica que possibilite ao crente, através do exame das bases doutrinárias bíblico-reformadas e de sua fé, ter critério de confiabilidade para identificar um culto que é aceitável por Deus. O presente trabalho utilizará a técnica de pesquisa bibliográfica em diversos autores teológicos, como João Calvino, Jeremiah Burroughs, A.A. Hodge, Terry Johnson, Daniel Hyde, Paulo Anglada, entre outros, que tratam sobre o assunto proposto, abordando o aspecto teológico doutrinário do Princípio Regulador do Culto e sua prática durante a história da igreja. O Princípio Regulador do Culto será abordado por uma perspectiva teológica, uma vez que ele é ensinado claramente na Palavra de Deus. Além disso, também será abordada a participação humana, tanto dos ministros como membresia da igreja no que diz respeito ao preparo, comportamento durante o culto e sua condução, visando uma adoração aceitável e edificação mútua da igreja de Cristo.

Palavras-chaves: Princípio Regulador do Culto, adoração cristã, *sola scriptura*

ABSTRACT

The doctrine of regulative principle of worship received its name in the Puritan period, but its existence has been recorded since there are reports of human beings worshiping God. Through a historical and theological analysis, we found that this principle is strictly linked to *sola scriptura*, another term created after the Protestant Reformation, but always existent among God's people. This doctrine consists in regulating the worship of the Lord exclusively through His explicit commandments and legitimate deductions, like hermeneutics rules, where only what God commands should be done in the service. The acceptable way of worshiping the real God is ruled by Himself and limited by His revealed will. He does not want to be worshiped according to human imagination or contrivance, neither Satan's suggestions nor under any visible performance or any other way that isn't written in the Holy Scriptures. The basis of the regulative principle of worship was analyzed in a logical way that allows the believer, through the examination of the biblical-reformed doctrinal basis and his faith, to have criterial reliability to identify a service that is acceptable to God. The present study will use the bibliographical research in several theological authors, like John Calvin, Jeremiah Burroughs, A.A. Hodge, Terry Johnson, Daniel Hyde, Paulo Anglada, among others, who deal with the proposed subject, approaching the doctrinal theological aspect of the regulative principle of worship and its practice during the Church History. The regulative principle of worship will be approached from a theological perspective, once it is clearly taught in God's Word. In addition, the human participation of ministers and church members in the preparation, behavior during the service and its conduct will also be addressed, aiming at an acceptable worship and mutual edification of the Church of Christ.

Keywords: Regulative principle of worship, Christian worship, *sola scriptura*

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. CAPÍTULO I - O PRINCÍPIO REGULADOR DO CULTO E O SEU DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO	13
2.1 A adoração cristã na igreja primitiva	13
2.1.1 Didaquê	13
2.1.2 Patrística.....	17
2.2 Idade Média (400 a 1499)	22
2.3 Da Reforma aos dias de hoje	24
2.3.1 A Reforma.....	24
2.3.2 Assembleia de Westminster.....	26
2.3.3 Idade Moderna	28
2.3.4 Pós Modernidade	29
3. CAPÍTULO II - O PRINCÍPIO REGULADOR DO CULTO E OS SEUS FUNDAMENTOS TEOLÓGICOS	31
3.1. O PRC no Antigo Testamento e Novo Testamento	31
3.1.1 O PRC no Antigo Testamento	31
3.1.2 O PRC no Novo Testamento.....	36
3.2 O PRC na Reforma	38
3.2.1 O PRC em Calvino.....	39
3.3 O PRC nos Símbolos de Fé.....	41
3.3.1 O PRC nos Símbolos de Fé de Westminster.....	41
3.3.2 O PRC no Catecismo de Heidelberg.....	44
3.3.3 O PRC na Confissão de Fé Escocesa.	45
4. CAPÍTULO III - O PRINCÍPIO REGULADOR E SUAS IMPLICAÇÕES	46

4.1 O benefício de uma adoração bíblica.....	46
4.2 Preparando-se para adorar.....	49
4.3 Preparando-se para a eternidade	58
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS.....	64

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho, argumentamos a favor do uso do Princípio Regulador do Culto na adoração cristã através de uma perspectiva bíblico-reformada, defendendo que esta doutrina ajudará as igrejas evangélicas que têm prestado um falso culto a retornarem ao verdadeiro culto que é ordenado por Deus.

Por toda a Bíblia, vemos Deus ordenando a maneira e os elementos do culto público e castigando os que profanaram a adoração, o que nos leva a concluir que há somente um culto aprovado por Deus. Este tema justifica-se pelo triste fato de que muitos cultos cristãos estão indo contra as ordenanças do Senhor. Notoriamente, igrejas adeptas ao conhecido movimento “emergente” e do movimento neopentecostal têm desfigurado o culto ao Senhor ao abandonar princípios estabelecidos por Deus em sua palavra. Infelizmente, algumas igrejas do meio reformado têm sido influenciadas por essas adorações corruptas, de maneira sucinta, mas perceptível. Negar o Princípio Regulador do Culto estabelecido por Deus leva as igrejas a deixarem suas portas escancaradas para todo tipo de criatividade humana, retirando elementos ordenados por Deus ou acrescentando. Essa atitude, muitas vezes bem intencionada, se dá em virtude de uma má compreensão das Escrituras ou desprezo por ela, questão essa que vem sendo debatida há muitos anos na História do Cristianismo e que atingiu o seu clímax na época da Reforma Protestante.

Acerca desse assunto, se faz necessário tecer algumas considerações: Como esse princípio se fundamenta nas Escrituras? Como o ministro deve supervisionar e orientar a liturgia da sua igreja? Quais são as consequências de não seguir esse princípio? Existe um limite quanto à adequação do culto à cultura contemporânea e uso tecnológico?

Os cristãos reformados de muitas maneiras são solicitados a apresentar as razões dessa doutrina, por isso as bases do Princípio Regulador do Culto foram analisadas de maneira lógica que possibilite ao crente, através do exame das bases doutrinárias e de sua fé, ter critério de confiabilidade para identificar um culto que é aceitável por Deus.

O método utilizado nesse trabalho é a técnica de pesquisa bibliográfica, em autores teológicos como: João Calvino, John Owen, Jeremiah Burroughs, Daniel Hyde, entre muitos outros. O Princípio Regulador do Culto é abordado por uma perspectiva teológica, uma vez que ele é ensinado claramente na Palavra de Deus. Além disso, também é abordada a participação humana, no que diz respeito ao preparo e ao comportamento durante o culto. Portanto, nosso objetivo é mostrar que não há possibilidade alguma de o crente cultuar ao Senhor com base em sua imaginação e invenções, antes, deve compreender que o culto é um serviço prestado ao

Senhor e deve ser feito estritamente conforme ordenanças divinas. Como também, deixar claro que o Princípio Regulador do Culto possui sólidos fundamentos escriturísticos.

Para oferecer uma reflexão sobre esse tema, visto que ele possui algumas implicações como também ramificações teológicas, o presente trabalho aborda o Princípio Regulador do Culto tendo como ponto de partida uma exposição da sua evolução histórica, para, a seguir, tratar dos seus aspectos teológicos e práticos. No primeiro capítulo, faz-se uma pesquisa histórica sobre os primeiros usos da doutrina do Princípio Regulador do Culto pela igreja cristã, seu desuso e retorno a ele na Reforma Protestante até os dias atuais. No segundo capítulo, trata-se a respeito da fundamentação doutrinária no Antigo e Novo Testamentos, sua exposição pelo reformador João Calvino e os seletos símbolos de fé reformados. No terceiro capítulo, expõe-se conceitos divergentes da doutrina que têm surgido e que ainda hoje permeiam a vida da igreja em contraste ao conceito bíblico-reformado do culto. Aborda-se a necessidade de o crente apropriar-se deste conhecimento e suas implicações práticas para a vida da igreja.

2. CAPÍTULO I - O PRINCÍPIO REGULADOR DO CULTO E O SEU DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO

Sabemos que o termo Princípio Regulador do Culto foi cunhado no século 17, pelos puritanos ingleses. A ausência desse termo na era posterior não significa a ausência da prática. Este capítulo tem o objetivo de apresentar, historicamente, como o Princípio Regulador do Culto esteve presente na igreja primitiva, foi perdido na Idade Média, resgatado pela Reforma do século XVI e é usado até os dias de hoje.

2.1 A adoração cristã na igreja primitiva

Durante a era apostólica, os cristãos se alegravam nos encontros fraternais, encontravam-se para cultuar ao Senhor em um dia específico, além de pronunciarem publicamente os julgamentos da disciplina eclesiástica. Ao lermos o Novo Testamento é possível identificar os elementos da adoração cristã primitiva, que são: oração, salmos, leitura e fiel exposição das Escrituras e administração dos sacramentos. Todos ordenados por Deus em sua santa Palavra. Mas, para analisar o período pós-apostólico, recorreremos à literatura extrabíblica.

2.1.1 Didaquê

O primeiro documento que usamos é o Didaquê, também conhecido como Ensino dos Doze Apóstolos. É o documento responsável por conduzir a igreja primitiva na ortodoxia. Em 1782, foi encontrado junto a velhos papiros de Oxirrincó, no Egito, um fragmento do Didaquê, datado do quarto século e contendo apenas o trecho do cap. I.3b a 4.a Somente em 1873, na biblioteca do Mosteiro do Santo Sepulcro, em Constantinopla, é que foi descoberto uma cópia integral do Didaquê, datado de 1056. Essa cópia foi publicada em 1833 e desde então o documento não deixou de ser estudado por especialistas.¹

Provavelmente, um ministro sagrado de idade avançada, formado na escola de Tiago, o Menor, que teria imigrado para a Síria por ocasião da guerra civil, seja o autor.² Podemos afirmar que a época de sua composição foi no final do século I, pois, ao analisarmos a descrição do estado das comunidades cristãs, percebemos uma inteira semelhança aos dos últimos tempos apostólicos: simplicidade litúrgica, o batismo em água corrente e falta de

¹ SALVADOR, José Gonçalves. **O Didaquê. O ensino do Senhor através dos doze apóstolos**. Col. Padres Apostólicos, vol. II. São Paulo: Edição publicada pela Junta Geral de Educação Cristã da Igreja Metodista do Brasil, 1957. p. 9

² Centro Presbiteriano Andrew Jumper. **A Didaquê**. Disponível em: <https://cpaj.mackenzie.br/historia-da-igreja/a-didaque/>. Acessado em: 22 de abril de 2020

preocupação com um credo universal.³ No documento também notamos um ensino cristológico simples; a ausência de uma hierarquia complexa na comunidade, comparado com a estrutura da igreja do quarto século; e também um silêncio sobre perseguições enfrentadas por aquela comunidade local, o que demonstra um período anterior às grandes perseguições ao cristianismo. É por causa dessas características que podemos indicar que sua composição foi no final do século I. Mais especificamente em torno de 80 a 90 d.C.⁴

Apesar de ser um modesto tratado, escrito originalmente como material de apoio à instrução dos catecúmenos, o seu rico conteúdo o levou a ser usado também para guiar a igreja na prática dos seus ritos e instituições. Esta fina joia da literatura cristã primitiva muito nos instrui e esclarece a respeito dos velhos costumes dos primórdios da igreja, nos possibilitando conhecer com mais nitidez o desenvolvimento do Cristianismo em sua aurora.⁵ Como bem colocou Simon Kistemaker: O Didaquê reflete a vida da Igreja bastante próxima dos tempos apostólicos. A conjectura é que ele foi escrito no final do século I ou no período do segundo século. O livro trata principalmente da adoração, batismo, ceia do Senhor e oração ao Senhor.⁶

Quanto ao conteúdo do livro, sabemos que ao todo, são dezesseis capítulos, podendo ser classificados em quatro partes: (1) Síntese de instrução moral, que abrange os capítulos de I a IV, componentes do manual do catecúmeno. As regras nele contidas são uma síntese do ensino a ser ministrado. O catequista as explanava ao candidato ao batismo com palavras suas. (2) Prescrições litúrgicas, que abrange o capítulo VII ao X. É sobremaneira interessante em virtude das informações que nos transmite acerca do batismo, da santa-ceia, dos jejuns e da prática da oração. (3) A disciplina e os ofícios eclesiásticos, que abrange os capítulos XI a XV. Ensina como devem ser tratados os cristãos recém-vindos, os apóstolos e os profetas; a ter cuidado com os traficantes de Cristo; a eleição de bispos e diáconos; a guarda do dia do Senhor; o sustento do ministério; e a reunião dos crentes. (4) Exortação final, que adverte os crentes quanto a acontecimentos futuros: o retorno de Jesus para dentro em breve; a ressurreição dos mortos. Fala dos sinais que precederão tais eventos: aumento de falsos profetas, ondas de

³ **PATRÍSTICA. Padres Apostólicos.** 2ª ed. São Paulo: Editora Paulus, 2014. p. 194

⁴ Revista Ensaios teológicos. Vol 4. Nº 1. Junho 2018. **Estudo Introdutório À Didaquê: Além Da Referência Ao Batismo.** Anilton Oliveira da Silva. p. 114 e 115

⁵ SALVADOR, José Gonçalves. **O Didaquê. O ensino do Senhor através dos doze apóstolos.** Col. Padres Apostólicos, vol. II. São Paulo: Edição publicada pela Junta Geral de Educação Cristã da Igreja Metodista do Brasil, 1957. p. 6.

⁶ KISTEMAKER, Simon J. **The Lord's prayer in the first century.** Journal of the evangelical theological society, v 21, n 4, 1978. Página 327. Disponível em: https://www.etsjets.org/files/JETS-PDFs/22/22-1/22-1-pp015-026_JETS.pdf

milagres, escândalos no meio cristão, decadência espiritual de muitos, sinais no céu, e então a vinda de Cristo.⁷

O Didaquê é questionado por alguns quanto ao uso do Antigo Testamento e Novo Testamento. Nele não encontramos uma preocupação em citar referências do Antigo e Novo Testamentos. Essa despreocupação era algo comum, inclusive entre autores bíblicos, que citam outros livros sem referenciá-los. Mas a falta destas referências no Didaquê não deve nos encorajar a concluir que nela não há um embasamento bíblico. Como bem falou Amilton Silva, “Seria mais absurdo afirmar que não há na Didaquê nenhuma citação indireta do Antigo Testamento ou do Novo Testamento, do que o contrário”. Alguém que é familiarizado com os evangelhos ficaria impressionado com as semelhanças que os escritos do Didaquê têm com o evangelho de Mateus. Kistemaker afirma que a Didaquê baseia seus temas importantes no evangelho de Mateus. Varner argumenta que o autor e os leitores originais conheciam os demais evangelhos, mas optaram pelo evangelho de Mateus. No entanto, lidando com as evidências internas, não há a rejeição a nenhum dos outros evangelhos, então, podemos concluir que o autor não rejeita os demais evangelhos, mas apenas teve acesso somente ao de Mateus e por meio dele a igreja embasava a sua liturgia cúltica.⁸

Devido ao seu conteúdo, o Didaquê usufruiu de grande influência e popularidade no meio da Igreja até o século II ou III. Ele é citado, referenciado ou transcrito em diversos documentos do período Patrístico. Duas cartas, a de Barnabé e a de Hermas, ambas da primeira metade do século II, contém passagens paralelas às do Didaquê, ou sejam, respectivamente, os capítulos XVIII ao XX, e II.4 a 6. O teólogo Clemente de Alexandria utilizou-o em suas obras *Stromatês*, *Protréptico*, o *Pedagogo* e “qual o risco de que se salva?” sem obstante referir-se ao seu nome. Orígenes, o mestre inolvidável da escola de Alexandria, e sucessor de Clemente, no seu livro *De Principiis* III,2,7 citou Didaquê III,10.⁹ Chegou a ser aceita pelo menos por uma parte da igreja como um livro digno de ser lido no culto divino. Clemente de Alexandria a cita uma vez como Escritura (*graphé*). Vários autores acharam necessário destacar que a Didaquê não possuía caráter canônico. Eusébio de Cesaréia refere-se a ela como um dos livros apócrifos ou espúrios (*História Eclesiástica* III, 25, 4). Atanásio faz o mesmo, mas declara que ela ainda

⁷ SALVADOR, José Gonçalves. **O Didaquê. O ensino do Senhor através dos doze apóstolos**. Col. Padres Apostólicos, vol. II. São Paulo: Edição publicada pela Junta Geral de Educação Cristã da Igreja Metodista do Brasil, 1957. p. 23 e 24

⁸ Revista Ensaios teológicos. Vol 4. Nº 1. Junho 2018. **Estudo Introdutório À Didaquê: Além Da Reerência Ao Batismo**. Anilton Oliveira da Silva. p. 119-120.

⁹ SALVADOR, José Gonçalves. **O Didaquê. O ensino do Senhor através dos doze apóstolos**. Col. Padres Apostólicos, vol. II. São Paulo: Edição publicada pela Junta Geral de Educação Cristã da Igreja Metodista do Brasil, 1957. p. 8.

era usada na instrução catequética (Epístola a Festo. 39)¹⁰ O Didaquê foi um dos possíveis candidatos durante muito tempo ao cânon do Cristianismo, consoante o emprego que dele fizeram os antigos escritores e, só a partir do século IV sua posição se teria definido ao lado dos não-canônicos.¹¹

Certos do valor e fidelidade deste documento, podemos então descortinar as práticas litúrgicas da igreja primitiva. A adoração solene dos primeiros cristãos, habitualmente, era realizada no intitulado “Dia do Senhor” (Didaquê XIV.1) e estavam presentes não apenas os professores, como também os interessados na “nova religião”. O Didaquê, juntamente com outros escritos antigos, comprova que os cristãos faziam do domingo, primeiro dia da semana, o seu dia de guarda. Eles lhe davam, exatamente, a mesma designação que se encontra no Apocalipse de João 1.10 – o dia do Senhor (*hê hêmëra Kuriakê*). A nossa expressão – domingo, conserva ainda o significado original, pois também quer dizer dia do Senhor, que nos veio do latim – *dominica, dies dominica* ou *dominicus*. Vale salientar que já nos tempos apostólicos os cristãos guardavam o primeiro dia da semana, conforme se poderá verificar em Mateus 28.1; Marcos 16.2; João 21.1 e Atos 20.7.

Estes cultos eram realizados na residência de um dos irmãos, provavelmente os de maior posse. O dirigente era o bispo local; muitas igrejas possuíam um próprio bispo. O profeta, era responsável pelo serviço divino, ocupando livremente o tempo e segundo a inspiração que lhe concedesse o Espírito Santo. Após isso, o culto seguia um programa do qual constavam as partes seguintes: Leitura nos salmos e nos profetas, exposição devocional e exortiva do ensino, reforçada com palavras do evangelho e repetidas de memória quase sempre, uma ou mais orações, e depois a celebração da Santa Ceia.¹² Desde o começo, o culto cristão centrou-se na Eucaristia, que normalmente era celebrada no primeiro dia da semana, visto que era o dia da ressurreição de Jesus, a Eucaristia, antes de ser um serviço lúgubre centrado na cruz, era uma celebração da vitória de Jesus através da cruz e da ressurreição, e um anúncio de seu retorno em glória no dia final.¹³

O Didaquê reconhece o valor da ceia, como “alimento e bebida espiritual” (XX.3), seu sentido escatológico (XX.5,6), a necessidade de arrependimento e reconciliação entre irmãos

¹⁰ LEITE, Fúlvio Anderson Pereira. Zeitgeist. Recife: **Aula de Cosmovisão Calvinista**. Seminário Presbiteriano do Norte, em 30 de Abril de 2020.

¹¹ SALVADOR, José Gonçalves. **O Didaquê. O ensino do Senhor através dos doze apóstolos**. Col. Padres Apostólicos, vol. II. São Paulo: Edição publicada pela Junta Geral de Educação Cristã da Igreja Metodista do Brasil, 1957. p. 8.

¹² Ibid., p. 39

¹³ GONZÁLEZ, J. **Breve Dicionário de Teologia**. 1a edição. São Paulo, SP: Hagnos. p. 81

em divergência.¹⁴ Nele também encontramos a exclusividade da Ceia do Senhor aos batizados. A argumentação desse ponto se dá mediante Mateus 7, onde Jesus ensina a não darmos aos cães o que é sagrado. Sabemos que o texto a nada se refere à Ceia do Senhor, quanto a isso, bem coloca o professor William Varner,

Se esse for o caso, o Didaquista afirma que também é um ato correto de discernimento negar a eucaristia aos incrédulos não-batizados. Não é uma coisa dura ou cruel impedi-los de participar. De fato, os líderes da assembleia tem uma responsabilidade moral e espiritual de fazê-lo. Embora este versículo não tenha sido originalmente escrito em Mateus para limitar a participação na eucaristia aos crentes, o Didaquista o usa de forma consistente com o modo como Jesus o usou para expressar seu ponto de vista no Sermão da Montanha.¹⁵

Quanto à sua abordagem ao batismo, diferente da celebração da Santa Ceia, ela não enfatiza que há um dia específico para isso, mas percebemos uma ênfase ao uso da fórmula trinitária (XII.1,3) uma provável referência ao evangelho de Mateus. Quanto à forma de batismo, o documento orienta: “Se você não tem água corrente, batize em outra água; se não puder batizar em água fria, faça-o em água quente. Na falta de uma e outra, derrame três vezes água sobre a cabeça” (XII, 2,3).¹⁶ Novamente, o documento traz outra orientação, referente ao preparo daquele que batizará, o que será batizado e os demais presentes: “Antes do batismo, tanto aquele que batiza como aquele que vai ser batizado, e se outros puderem também, observem o jejum. Àquele que vai ser batizado, você deverá ordenar jejum de um ou dois dias.”¹⁷

Diante da análise documental, podemos concluir assertivamente que em meados do 2º século era costume da Igreja Cristã ter-se o domingo como dia separado para o culto, cuja a liturgia era a leitura da Escritura, oração, cântico de salmos e hinos e pregação, encerrando-se tudo com a Ceia do Senhor. A primeira parte dos serviços religiosos tinha caráter público, mas somente os crentes podiam estar presentes à ministração dos sacramentos.¹⁸

2.1.2 Patrística

O período Patrístico corresponde ao final da era Neotestamentária até o século quinze no qual homens específicos guiaram a igreja na ortodoxia e estabeleceram a essência das doutrinas cristãs. Ficaram conhecidos como Pais da Igreja porque, cronologicamente, vieram

¹⁴ Revista Ensaios teológicos. Vol 4. Nº 1. Junho 2018. **Estudo Introdutório À Didaquê: Além Da Reerência Ao Batismo**. Anilton Oliveira da Silva. p. 118.

¹⁵ VARNER, William. **The Didache's Use Of The Old And New Testaments**. p. 135. Disponível em: <https://www.tms.edu/m/tmsj16f.pdf>. Acessado em: 31 de março de 2020.

¹⁶ Revista Ensaios teológicos. Vol 4. Nº 1. Junho 2018. **Estudo Introdutório À Didaquê: Além Da Reerência Ao Batismo**. Anilton Oliveira da Silva. p. 118.

¹⁷ PATRÍSTICA. **Padres Apostólicos**. São Paulo: Editora Paulus, 2014, 2ª ed. p. 202

¹⁸ NICHOLS, Robert. **História da Igreja Cristã**. Cultura Cristã; São Paulo, 2000. p. 45

primeiro na liderança da igreja, exercendo um papel primordial no crescimento e maturação dela.¹⁹

Há quatro características que denotam aqueles que merecem o título de Pai da Igreja: (1) sua ortodoxia de doutrina, (2) serem aceitos pela igreja como elos importantes de transmissão da fé cristã, (3) sua santidade de vida e (4) terem vivido entre o final da era apostólica.²⁰ Cientes do papel desses homens, recorreremos a alguns documentos deles para demonstrar a realidade da igreja e seu culto durante o período.

Começemos com Clemente de Roma, o primeiro pai apostólico notável. Quarenta anos após Paulo advertir a Igreja de Corinto a respeito de suas divisões e escândalos, Clemente de Roma, em sua primeira carta aos coríntios (95-96 d.C.), procura restabelecer a ordem na comunidade.²¹ Com tanta desordem na igreja, é de se esperar que a integridade do culto tenha sido afetada. Clemente dedica uma parte da carta às funções litúrgicas, onde diz:

Devemos fazer com ordem tudo o que o Senhor nos mandou realizar nos tempos determinados. Ele ordenou que as ofertas e as funções litúrgicas fossem realizadas, não ao acaso ou desordenadamente, mas em circunstâncias e horas determinadas. Ele próprio, por sua soberana vontade, determinou onde e por quem ele deseja que as coisas sejam realizadas, a fim de que cada coisa, feita santamente com a sua santa aprovação, seja agradável à sua vontade. Aqueles, portanto, que apresentam suas ofertas nos tempos determinados, são agradáveis e felizes, pois, seguindo os preceitos do Senhor, eles não erram.²²

Outro Pai da igreja que defendeu o culto dominical foi Inácio de Antioquia. Em sua carta aos magnésios (107-110 d.C.), Inácio versa sobre a mudança do dia do descanso do sábado para o domingo, conscientizando o seu público que essa atitude estava fundamentada na doutrina deixada pelos apóstolos e repassadas pelos então conhecidos Pais da Igreja.

Aqueles que viviam na antiga ordem de coisas chegaram à nova esperança, e não observam mais o sábado, mas o dia do Senhor, em que a nossa vida se levantou por meio dele e da sua morte. Alguns negam isso, mas é por meio desse mistério que recebemos a fé e no qual perseveramos para ser discípulos de Jesus Cristo, nosso único Mestre. Como podemos viver sem aquele que até os profetas, seus discípulos em espírito, esperavam como Mestre? Foi precisamente aquele que justamente esperavam, quem ao chegar, os ressuscitou dos mortos.

A Epístola de Barnabé é um escrito que estaria datado em torno de 134-135 d.C. Em combate ao judaísmo, através de uma análise do Antigo Testamento, Barnabé busca explicar da forma mais simples possível, no capítulo 15, versículo 8 e 9, a razão dos cristãos guardarem o domingo:

¹⁹ LAWSON, S. J. **Pilares da Graça (AD 100–1564)**. São José dos Campos, SP: Editora FIEL, 2003. p. 41

²⁰ HAYKIN, M. A. G. **Redescobrimos os Pais da Igreja: Quem eles eram e como moldaram a igreja**. São José dos Campos, SP: Editora FIEL, 2012. p. 15

²¹ **Patrística, Padres Apostólicos**. Paulus: São Paulo, 2014. p. 15

²² Ibid., Edição Kindle

Ele finalmente lhes disse: “Não suporto vossas neomênias e vossos sábados”. Vede como ele diz: não são os sábados atuais que me agradam, mas aquele que eu fiz e no qual, depois de ter levado todas as coisas ao repouso, farei o início do oitavo dia, isto é, o começo de outro mundo. Eis por que celebramos como festa alegre o oitavo dia, no qual Jesus ressuscitou dos mortos e, depois de se manifestar, subiu aos céus.²³

Justo González comenta que para Barnabé: “celebrar o primeiro dia da semana era importante, visto que o primeiro dia é também o oitavo, e existia uma antiga tradição segundo a qual o dia chegaria quando o ciclo semanal fosse interrompido, e toda a criação alcançaria sua consumação. Essa seria a data da celebração da Eucaristia final e perpétua, o banquete das bodas do Cordeiro”.²⁴

Mas é o apologista Justino de Roma que coloca à nossa disposição uma descrição rica em detalhes da liturgia dominical da Igreja naquela época. Em sua obra *Apologia I*, composta por volta de 155, ele relata que a reunião dos cristãos acontece no domingo, enfatizando a razão: “Celebramos essa reunião geral no dia do sol, porque foi o primeiro dia em que Deus, transformando as trevas e a matéria, fez o mundo, e também o dia em que Jesus Cristo, nosso Salvador, ressuscitou dos mortos.” Nesta reunião era lido as “memórias dos apóstolos” ou “escritos dos profetas”. Após essa leitura, os ouvintes eram exortados a imitarem os exemplos descritos. Em seguida, oravam e o pão, vinho e água eram oferecidos. Logo após o “presidente” faz uma prece e ações de graças, finalizada com um uníssimo “amém” dos presentes. Vem depois a distribuição e participação feita a cada um dos alimentos consagrados pela ação de graças e seu envio aos ausentes pelos diáconos. Esta ação é uma colaboração voluntária, onde todos que sentiam o desejo, davam livremente ao “presidente” e eram distribuídas aos órfãos e viúvas, necessitados e encarcerados.²⁵ Este relato produzido por Justino nos dá uma preciosa noção da liturgia naquele período.

Sobre esse período litúrgico da igreja nos séculos 2º e 3º, os historiadores mencionam que a atmosfera que os cristãos respiravam estava carregada das influências advindas das religiões de mistério. Justino constata que até a santa ceia já tinha sido copiada pelos pagãos. Hermisten Maia salienta que os pagãos é que estavam imitando a igreja, não o contrário. Apesar de perseguida, a igreja cristã estava modelando a cultura pagã, que se dava por meio de um testemunho fiel do evangelho e que lhes custava o próprio sangue.²⁶

Já no fim do 2º século a igreja tinha um elaborado ritual na ministração dos sacramentos, porém, apesar da posição de vanguarda, a igreja começou a se desviar dos

²³ Ibid., Edição Kindle

²⁴ GONZÁLEZ, J. **Breve Dicionário de Teologia**. São Paulo, SP: Hagnos, 2009.

²⁵ ROMA, Justino de. **Patrística - Justino de Roma I e II Apologias | Diálogo com Trifão**. Paulus Editora. Edição Kindle.

²⁶ COSTA, Hermisten. **Princípios Bíblicos de Adoração Cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2009. p. 144

padrões doutrinários. Esse desvio se deu ao sincretismo religioso e a conversão de muitos pagãos e ocasionou o surgimento da crença de que o batismo lavava os pecados. A Ceia era considerada um sacramento em que Cristo estava realmente presente e um sacrifício que movia o sentimento de Deus a favor dos comungantes e daqueles por quem estes orassem.²⁷

A última perseguição oficial ao cristianismo fora liderada pelos imperadores Diocleciano e Galério (durante 303-311 d.C.) que resultou em prédios de igrejas e as cópias das Escrituras destruídas. A perseguição não se prendeu a âmbitos de bens-materiais, os cristãos eram torturados com barbaridade até negarem a Jesus como único Senhor. Cerca de três mil cristãos foram mortos. A principal causa da perseguição era a recusa por parte dos cristãos de prestar culto ao imperador, tal recusa era considerada um crime capital, pois colocava em risco a própria estrutura do Império Romano. Com o édito de tolerância de 311, que dava aos cristãos legalidade e liberdade de culto, as perseguições acabaram.²⁸ Devido à conversão de Constantino, em 313, ele e Licínio, que reinava sobre o Oriente, promulgaram o Édito de Milão, encerrando todas as perseguições aos cristãos no império e a partir de então os cristãos tiveram liberdade de culto.²⁹

Antes de 313, quando o imperador Constantino promulgou a liberdade de culto pelo édito de Milão, o Cristianismo realizava as suas reuniões secretamente; agora, os cristãos dispõem de templos.³⁰ Eusébio de Cesaréia, também conhecido como Pai da História Eclesiástica, apresenta-nos uma cópia das constituições imperiais relativas aos cristãos. Entre elas, encontramos uma das atitudes tomadas:

E visto que os supracitados cristãos não possuíam apenas os locais das reuniões costumeiras, mas é sabido que são proprietários de outros lugares não pertencentes a particulares, mas de direito a toda a corporação, isto é, à comunidade dos cristãos, ordena que o total desses bens, segundo a lei acima citada, sejam incontestavelmente devolvidos na íntegra, aos ditos cristãos, isto é, à sua corporação e assembleia. As preditas disposições sejam manifestamente observadas, de tal sorte que os que os restituírem gratuitamente, conforme dissemos acima, aguardem uma indenização, graças à nossa generosidade.³¹

Eusébio chega a descrever com grande contentamento e orgulho os luxuosos templos que estavam sendo levantados. Gonzales conclui que o resultado real dessas construções e da liturgia que evoluiu nelas foi o surgimento de uma aristocracia clerical, semelhante e paralela à aristocracia imperial, e frequentemente tão distante do crente comum como dos cidadãos

²⁷ NICHOLS, Robert Hastings. **História da Igreja Cristã**. Cultura Cristã; São Paulo, 2000.

²⁸ FERREIRA, Franklin. **A Igreja Cristã Na História**. Vida Nova. Edição do Kindle.

²⁹ Ibid., Edição do Kindle.

³⁰ COSTA, Hermisten. **Princípios Bíblicos de Adoração Cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2009. p. 145.

³¹ CESARÉIA, Eusébio. **História Eclesiástica. Patrística**. São Paulo: Paulus, 2014. p. 289

comuns dos poderosos do Império. Ou seja, a igreja começou a imitar os costumes imperiais não só em sua liturgia, mas também em sua estruturação social.³²

Com essa liberdade e desenvolvimento de riquezas, nasceu uma tendência de ajustar o culto cristão aos protocolos e à pompa da corte imperial e de suas celebrações e, portanto, o culto se tornou cada vez mais elaborado. E agora que uma multidão assistia à adoração, viu-se a necessidade de um culto mais estruturado a fim de manter a ordem entre todos. Isso acabou resultando em uma série de tradições estruturadas, da qual resultou toda uma série de tradições litúrgicas típicas de cada região, mas conservando características comuns. Tudo isso diminuiu a participação ativa dos leigos na adoração, de modo que chegou o momento em que o povo simplesmente deixou de cultuar para apenas assistir ao culto, enquanto outros cantavam, dirigiam o serviço, e levavam a cabo outros atos rituais.³³

Foi nesse contexto que o teólogo Agostinho de Hipona foi convertido em 386. Nascido em 354, em Tagaste, no norte da África, foi um importante Pai da Igreja, sem dúvida o teólogo mais influente na igreja de fala latina e em certo sentido praticamente toda a teologia ocidental, tanto católica como protestante, é agostiniana.³⁴

Ao lermos as confissões de Agostinho, encontramos uma constante denúncia e condenação ao culto romano, como também exortação para que estes abandonassem o culto aos deuses e homens.³⁵ No pensamento de Agostinho, a liturgia cristã é vista como um tipo de culto radicalmente oposto às diferentes práticas rituais do paganismo, do judaísmo e dos grupos heréticos, pois para os cristãos o culto era exclusivamente reservado ao Senhor, o verdadeiro Deus, e contempla as demais pessoas da trindade e já não necessita dos sacrifícios do Antigo Testamento por estes terem sido abolidos.³⁶ Agostinho possuía duas formas práticas litúrgicas: aquelas que a igreja realiza universalmente e aquelas, ao contrário, que são observadas particularmente, isto é, que não são realizadas igualmente em todos os lugares. Os usos universais se distinguem, por sua vez, em dois grupos: os que a igreja encontra evocado nas escrituras, como o batismo e a eucaristia e os que são observados em virtude da tradição oral, que remonta autoridade dos apóstolos e concílios ecumênicos.³⁷

³² GONZÁLEZ, J. **Eusébio De Cesaréia**. Disponível em http://www.monergismo.com/textos/biografias/eusebio_cesareia_justo.htm acessado em: 12 de abril de 2020

³³ _____. **Breve Dicionário de Teologia**. São Paulo, SP: Hagnos, 2009. p.82

³⁴ Ibid., p.13

³⁵ HIPONA, Agostinho. **Cidade de Deus**. Edição do Kindle.

³⁶ _____. **Agostinho através dos tempos: uma enciclopédia**. São Paulo: Paulus, 2018. p. 311

³⁷ HIPONA, Agostinho. **Agostinho através dos tempos: uma enciclopédia**. São Paulo: Paulus, 2018. p. 311

Do tempo de Agostinho em diante, o elemento musical do culto tomou-se mais notável. Foram introduzidos coros nas igrejas, cânticos, antífonas e muitos hinos foram compostos. A arquitetura dos templos se desenvolveu, as paredes e as colunas das igrejas cobriram-se de pinturas, mosaicos e desenhos. Os cultos se tornaram mais solenes e impressionantes. A celebração da Eucaristia tornou-se uma cerimônia imponente, com formas fixas, com muita atenção dispensada aos detalhes, tomando enfática a ideia de que o sacramento era um sacrifício oferecido pelo sacerdote a favor do povo, sacrifício eficaz para a salvação. Não obstante esse fato tornar a pregação menos importante, colocando-a em plano secundário. O culto cristão foi afetado pelo paganismo nesses séculos, porque, depois de Constantino, muitíssimos pagãos entraram na Igreja, sem conversão. O culto dos santos é um exemplo frisante dessa tendência. Para os que estavam acostumados aos deuses das suas cidades e aos seus lugares sagrados, os mártires e a outros homens e mulheres, famosos por sua santidade passaram a ser venerados, dando início a crença de que os santos eram pequenas divindades cuja intercessão era valiosa diante de Deus. Os lugares onde nasceram e viveram passaram a ser considerados santos. Surgiram as peregrinações. Começaram a venerar relíquias, partes de corpos e objetos que pertenceram aos santos e a tributar a esses objetos poderes miraculosos. Tudo isso foi fácil para aqueles que ainda persistiam nas superstições do paganismo.³⁸

2.2 Idade Média (400 a 1499)

Neste período, o papado romano havia se tornado uma potência religiosa e política. A corrupção política, econômica e moral generalizada na igreja e no clero fermentava no povo um sentimento anticlerical. As pessoas estavam em grande carência espiritual devido ao sentimento de culpa induzido pela prática do confessionário. A igreja Romana instruía os fiéis à prática de boas obras, embora isso fosse insuficiente para o indivíduo ter a certeza de salvação. Devido à influência pagã, o culto tornara-se um mero ritual externo, carregado de superstições e idolatria. Os heróis do Cristianismo foram transformados em objetos de adoração. A soma dessas práticas da Igreja e a incertezas dos fiéis trouxe como resultado muita ansiedade no final da Idade Média.³⁹

Depois do quarto concílio de Latrão de 1215, passou a integrar o dogma católico romano a crença de que as palavras consagratórias do sacerdote transformavam o pão e o vinho no corpo e no sangue real de Cristo. Cristo era sacrificado outra vez pelo sacerdote pelo bem

³⁸ NICHOLS, Robert Hastings. **História da Igreja Cristã**. Cultura Cristã; São Paulo, 2000. p. 62

³⁹ COSTA, Hermisten. **Princípios Bíblicos de Adoração Cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2009. p. 147.

dos crentes. Por esta razão o cálice foi retirado do crente no século 12, uma vez que o corpo e o sangue estavam presentes em cada elemento, segundo o dogma romano. A prática sacerdotal de elevar os elementos tornou-se um costume no século 13 para forçar o fiel a adorar a Cristo na missa. A criação da música polifônica, que consistia de muitas partes e era, por isto, melhor cantada por coros treinados, acabou com a prática do cântico congregacional.⁴⁰

Neste período, a teologia era tratada mais por uma perspectiva filosófica que bíblica. Os teólogos tentavam harmonizar a bíblia com a lógica dedutiva de Aristóteles e sua filosofia. Tomás de Aquino dedicou-se ao uso da filosofia natural de Aristóteles no estudo da revelação, tornando-se o principal pensador escolástico. É também autor da obra *Suma Teológica*, uma das bases da dogmática do catolicismo e considerada uma das principais obras filosóficas da escolástica, escrita entre os anos de 1265 a 1273. Nesta obra, Aquino afirma poder provar a existência de Deus por meio do argumento do movimento, e também trata da natureza de Deus, das questões morais e da natureza de Jesus. Nessa obra, ele conclui que a vontade do homem está limitada pelo pecado, mas não completamente determinada para o mal.⁴¹ Também nessa obra encontramos uma observação feita por ele a respeito do uso de instrumentos na adoração pública. Ao comentar a crítica de Jerônimo, Pai da Igreja, a respeito dos que cantam teatralmente ou por exibição, ele diz: “Instrumentos musicais geralmente movem a alma ao prazer, em vez de criar uma disposição nela... A alma é distraída do significado de uma música quando ela é cantada para despertar prazer.”⁴² Isso nos faz perceber que no meio de toda aquela corrupção litúrgica, ainda estava preservado em alguns o senso de uma adoração guiada pela Palavra.

A partir de 1378, Wycliffe passou a se opor aos dogmas da Igreja Romana ao negar a autoridade papal como chefe da igreja, afirmar que a Bíblia – não a igreja – era a autoridade única para o crente e se opor ao dogma da transubstanciação. Ao traduzir a Bíblia para a linguagem do povo e criar um grupo de pregadores leigos, Wycliffe preparou o caminho para a reforma na Inglaterra.⁴³ John Huss adotou as ideias de Wycliffe e se propôs a reformar a igreja Romana na Boêmia. Mas suas ideias foram condenadas e ele, queimado na fogueira em 1415. O seu corpo desapareceu em meio às chamas, mas suas ideias ficaram e foram disseminadas

⁴⁰ CAIRNS, Earle. **O Cristianismo através dos séculos**. Edições Vida Nova: São Paulo, 1988. p. 197

⁴¹ CAIRNS, Earle. **O Cristianismo Através Dos Séculos**. Edições Vida Nova: São Paulo, 1988. p. 191

⁴² HORTON, Michael. **Calvino e a Vida Cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2017. p. 163.

⁴³ CAIRNS, Earle. **O Cristianismo Através Dos Séculos**. Edições Vida Nova: São Paulo, 1988. p. 206

por seus seguidores. Eles rejeitaram toda a fé e prática da Igreja Romana que não se encontrasse amparo bíblico.⁴⁴

2.3 Da reforma aos dias de hoje

A causa direta da eclosão da reforma na Alemanha foi o escandaloso abuso, que era o sistema das indulgências que estava diretamente ligada ao sacramento da penitência. O sacerdote garantiria ao fiel o perdão de um determinado pecado mediante um pagamento. O problema é que nenhum dinheiro no mundo seria suficiente para garantir a salvação. O desejo dos reformadores era de voltar à fonte clássica da fé cristã, a Bíblia, a fim de refutar o ensino da teologia tomística segundo a qual a salvação era obtida através dos sacramentos da graça ministrados pela hierarquia.⁴⁵

2.3.1 A Reforma

As 95 teses do Monge Martinho Lutero pregadas na Igreja de Winttemberg em 31 de outubro de 1517 foram um duro golpe no coração do poder da Igreja Romana. As teses afrontavam as práticas de indulgências e a ideia da igreja ser mediadora entre Deus e o homem. O resgate da doutrina bíblica do sacerdócio universal ensinou que cada homem podia desfrutar da comunhão com Deus, confessar seus pecados diretamente ao Senhor e receber o perdão dEle através da fé. Esta doutrina anulou a necessidade de ritos sacerdotais no culto e consequentemente libertou os cristãos do temor e garras da Igreja Romana, fazendo com que a igreja retornasse à Palavra de Deus.⁴⁶ Lutero deu início à substituição da autoridade da Igreja pela autoridade da Bíblia. O retorno às Sagradas Escrituras trouxe de volta os princípios bíblicos da adoração cristã.⁴⁷

Embora igrejas luteranas afirmem o *Sola Scriptura*, elas se apartaram do *Sola Scriptura* na compreensão do culto público. Brian Schwertley afirma que embora Lutero fosse um ardente defensor do *Sola Scriptura*, ele nunca fez a conexão entre a Escritura somente e a necessidade da sanção divina para as ordenanças do culto, como fez Calvino.⁴⁸ Em outras palavras, os luteranos entendem que aquilo que a Bíblia não proíbe, é permitido no Culto Cristão.⁴⁹

⁴⁴ Ibid., p. 206

⁴⁵ CAIRNS, Earle. **O Cristianismo Através Dos Séculos**. Edições Vida Nova: São Paulo, 1988. p. 229

⁴⁶ NICHOLS, Robert Hastings. **História da Igreja Cristã**. Cultura Cristã; São Paulo, 2000. p. 159-163.

⁴⁷ MARQUES, Marcos André. **O DNA do Sistema Presbiteriano**. São Paulo: Fonte Editorial, 2018, p.175

⁴⁸ SCHWERTLEY, Brian. **Sola Scriptura e o Princípio Regulador do Culto**. São Paulo: Os Puritanos, 2002. p. 50

⁴⁹ MARQUES, Marcos André. **O DNA do Sistema Presbiteriano**. São Paulo: Fonte Editorial, 2018, p.143

Portanto, o protestantismo luterano e o calvinista concordaram quanto ao sacerdócio de todos os crentes, a possibilidade de o pecador dirigir-se a Deus, pessoalmente, sem intermediários exceto Jesus Cristo.⁵⁰ Mas divergiram quanto às demais perspectivas teológicas. No tocante à Santa Ceia, Lutero interpretava a consubstanciação como a melhor teologia e rejeitou apenas o que a Bíblia não aprovava. Enquanto isso, Calvino sintetizou o pensamento de Lutero e Zuínglio, negando a presença física de Cristo, aceitando apenas a presença espiritual e rejeitando tudo o que não pudesse ser provado pela Bíblia.⁵¹

Calvino possuía uma doutrina de culto baseada em diversas passagens bíblicas que tratam da adoração do Povo de Deus. O Espírito Santo o havia levado ao senso de zelo pelo culto ao Senhor. Ele demonstrou ser o defensor e principal expositor de que somente aquilo que a Bíblia ordena deve ser utilizado no culto. Este princípio viria, tempos depois, ser defendido e nomeado pelos puritanos como Princípio Regulador do Culto.⁵²

Calvino sempre insistiu que Deus abomina o uso de invenções humanas em seu culto. Ele descreve invenções humanas como novas maneiras de servir a Deus de modo diferente ao ordenado, geralmente carregado de pompa e suposta sabedoria. Em geral, o ser humano abraça com mais força essas atitudes por considerá-las suas e consequentemente negam-se a adorar a Deus em espírito e verdade.⁵³

A liturgia usada por Calvino refletiu o desejo de voltar à simplicidade do culto neotestamentário, e era composta por uma santa convocação, momento de confissão de pecados, cânticos de salmos metrificados, leitura contínua das Escrituras, sermão expositivo e sequencial, celebração da Santa Ceia e batismo.⁵⁴ A simplicidade também se estendia aos aspectos externos. Referente à Ceia do Senhor, Calvino pouco se importava se o pão era ou não fermentado, se o vinho era tinto ou branco. Toda essa simplicidade interna e externa divergia dos suntuosos cultos medievais.⁵⁵

Outra grande divergência aos cultos medievais se dá quanto aos cânticos no culto. Calvino promoveu o canto congregacional. Ele cria que a glorificação à Deus pela igreja em uma só voz refletia a adoração em um só espírito e uma só fé, que também gera edificação

⁵⁰ NICHOLS, Robert Hastings. **História da Igreja Cristã**. Cultura Cristã; São Paulo, 2000. p. 184.

⁵¹ CAIRNS, Earle. **O Cristianismo Através Dos Séculos**. Edições Vida Nova: São Paulo, 1988. p. 251

⁵² SCHWERTLEY, Brian. **Sola Scriptura e o Princípio Regulador do Culto**. São Paulo: Os Puritanos, 2001. p. 126-135. Levítico 10.1, 22.32, Números 15.39, Deuteronômio 4.1, 12.32, 2 Samuel 6.6-12, Isaías 29.13, Jeremias 7.21-24, 7.31, 19.4-5, Mateus 15.1, 9, Colossenses 2.22-23.

⁵³ COSTA, Hermisten. **Princípios Bíblicos de Adoração Cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2009. Página 164

⁵⁴ MARQUES, Marcos André. **O DNA do Sistema Presbiteriano**. São Paulo: Fonte Editorial, 2018, p.143

⁵⁵ COSTA, Hermisten. **Princípios Bíblicos de Adoração Cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2009. Página 164

mútua da Igreja.⁵⁶ O cântico reflete a fé e gera estímulo espiritual, que deve ser acompanhado pelo verdadeiro afeto do coração:

não há dúvida nenhuma de que seja uma prática muito santa e muito sadia; da mesma forma que, por outro lado, todos e quaisquer cantos que foram compostos apenas para o encanto e o deleite dos ouvidos, nem são compatíveis com a majestade da Igreja, nem se pode entoá-los sem desagradar sobremaneira a Deus.⁵⁷

Entendendo que somente a Palavra de Deus era digna de ser cantada, Calvino optou pelo cântico de Salmos, pois estes incitam o louvor, oração e meditação em Deus devido à sua natureza divina; nenhum hino possui o mesmo valor de cântico inspirado por Deus.⁵⁸

Entendendo que somente a Palavra de Deus era digna de ser cantada, Calvino optou pelo cântico de Salmos, pois estes incitam o louvor, oração e meditação em Deus devido à sua natureza divina; nenhum hino é tão valioso quanto um cântico inspirado por Deus. Consequentemente, foi elaborado o então conhecido Saltério Genebrino. Calvino se responsabilizou pela tradução e contou com a ajuda de seletos poetas e compositores. Após a conclusão do saltério um estudante refugiado, ao visitar a Igreja de Calvino em 1545, descreveu o canto da igreja como um espetáculo onde toda a igreja, em sentimento de gratidão, cantava em uma única voz para a glória de Deus.⁵⁹

Diante destes fatos podemos constatar que o culto reflete uma teologia. Calvino havia retirado do culto todos os ritos que haviam sido amontoados pela Igreja Romana. Esse esforço era impulsionado pela crença de que a verdadeira adoração tem como princípio a submissão às Sagradas Escrituras e uma constante fuga de artifícios humanos.

2.3.2 Assembleia de Westminster

Esta doutrina defendida por Calvino foi a mesma usada pelos puritanos ingleses que enfrentavam sérias dificuldades em seu país. Apesar de todos os avanços doutrinários promovidos pela reforma na Europa, ela não havia se efetivado na Inglaterra. A igreja inglesa era controlada pelo Reis, que recebiam esta autoridade das práticas católicas romanas. Com receio de perder sua autoridade, não permitiram que a igreja fosse reformada.⁶⁰

⁵⁶ CALVINO, J. **As Institutas**. Edição Clássica, Vol. 3. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2006. p. 358

⁵⁷ Ibid., p. 259

⁵⁸ COSTA, Hermisten. **Princípios Bíblicos de Adoração Cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2009. p. 176

⁵⁹ Ibid., p. 176, 182 a 184.

⁶⁰ LOPES, Nicodemus. **Puritanismo**. Disponível em: http://www.monergismo.com/textos/puritanos/puritanismo_augustus.htm, acessado em: 20 de abril de 2020

O puritanismo foi um movimento que procurou reformar de modo mais amplo e profundo a Igreja da Inglaterra em conformidade com a Palavra de Deus.⁶¹ Foi por meio de uma assembleia de teólogos na Abadia de Westminster (1643-1653) que eles corrigiram as estruturas existentes no culto e ensino da igreja, promovendo um sumário da teologia cristã reformada e sistematizando mais de 30 verdades distintas das Sagradas Escrituras.⁶²

No que se diz respeito ao culto, Joel Beeke nos fala que tanto Calvino como os Puritanos entendiam que “toda adoração não ordenada na Palavra de Deus era desaprovada, infrutífera, abominação e ‘adoração voluntariosa’”.⁶³ Durante a Assembleia de Westminster, ficou estabelecido que somente Deus tem o direito de determinar como as pessoas devem adorá-lo e que sua vontade se revela nas Sagradas Escrituras podendo ser logicamente deduzidas delas.

É importante atentarmos ao contexto histórico desta Assembleia. Os ministros da Igreja da Inglaterra eram forçados a seguir restritamente a liturgia prescrita no Livro de Oração Comum, assemelhando-se aos ritos católicos romanos. Os ministros que desobedecessem estavam sujeitos desde multas a curtos períodos de aprisionamento e prisão perpétua. Robert Leham observa muito bem que a partir desse contexto podemos dizer que o Princípio Regulador do Culto é libertador. A igreja é libertada dos ditames do homem, sejam eles contrários à Palavra ou simplesmente adicionais a ela.⁶⁴

A igreja também foi libertada de toda a parafernália cültica romana, retornando ao culto simples ordenado pelo próprio Deus. Leland Ryken descreve a reforma do culto promovido pelos puritanos da seguinte forma:

A adoração puritana se assemelha às peças de Shakespeare que se contentaram com os mais escassos adereços de palco e construíram cenários imaginários nos textos das próprias peças. De forma semelhante, o puritano se livrou do "cenário de palco" da adoração católica/anglicana e se baseou em imagens verbais e simbolismo, a maioria baseada na Bíblia... Uma vez que concedemos a validade da imagem verbal, ficou claro que o culto puritano não esfomeou a imaginação ou mesmo os sentidos do adorador.⁶⁵

⁶¹ BEEKE, Joel, JONES, Mark. **Teologia Puritana: doutrina para a vida**. São Paulo: Vida Nova, 2016. p. 26

⁶² DIXHOORN, Chad Van. **Guia de Estudos da Confissão de Fé de Westminster**. São Paulo: Cultura Cristã, 2017. p. 17

⁶³ BEEKE, Joel, JONES, Mark. **Teologia Puritana: doutrina para a vida**. São Paulo: Vida Nova, 2016. p. 941

⁶⁴ LEHAM, Robert. **The Westminster Assembly: Reading its theology in historical context**. P & R Publishing; First edition (November 2, 2009). p. 302 - 303

⁶⁵ MULLER, Richard A. **Scripture and Worship: biblical interpretation and the directory for public worship**. Phillipsburg, New Jersey: P&R Publishing Company, 2007. p. 117

As palavras de Ryken ressaltam que a simplicidade do culto fiel às escrituras não significa uma pobreza de conteúdo, muito pelo contrário, a atenção dos adoradores se volta aos elementos essenciais do culto, promovendo também a edificação dos presentes.

Essa assembleia de teólogos reformados zelosos deixou como legado uma confissão de fé, dois catecismos, diretório de culto e constituiu o governo presbiteriano como governo eclesiástico e assegurando uma uniformidade religiosa nos três reinos da Inglaterra, Escócia e Irlanda.⁶⁶ Quanto à inspiração destes documentos, Augustus Nicodemus escreve:

Os presbiterianos sabem que a Confissão de Fé de Westminster é uma expressão da crença dos Puritanos; e que foi inspirada pela teologia de João Calvino, de Agostinho, do apóstolo Paulo, e, na verdade, inspirada pelas Escrituras na sua inteireza. Ela dá grande ênfase na soberania de Deus e no controle absoluto que Ele tem de todas as coisas para a Sua glória, e na necessidade de uma vida santa e de obediência a Ele.⁶⁷

2.3.3 Idade Moderna

A idade moderna é caracterizada principalmente por uma busca pela objetividade racional e verdades universalmente aceitas, que se deu pela valorização da razão. Através do uso pelo estudo das ciências físicas, o pensamento moderno entende o universo como um mecanismo fechado, deixando de fora o mistério.⁶⁸ A modernidade reflete a essência da filosofia de René Descartes (1596–1650), que devido ao horror que tinha de ser enganado, desenvolveu um método de busca para verdades que não podem ser colocadas em dúvidas, completamente objetivas e universais.⁶⁹

O movimento liberal foi fruto do Iluminismo e negou os aspectos sobrenaturais relatados nas Escrituras, defendendo uma hermenêutica bíblica pelos métodos científicos. Nos cultos, predominavam uma mensagem de um Jesus ético e humanizado e a imanência de Deus no coração do homem. Mas devido às guerras mundiais, à grande crise e ao totalitarismo de esquerda, o Liberalismo perdeu forças, dando espaço para a neo-ortodoxia e posteriormente ao Evangelicalismo.⁷⁰

Dos séculos XIX e XX, podemos observar a entrada de novos elementos ao culto nas igrejas evangélicas, que em grande parte são respostas a outros movimentos dentro do mundo

⁶⁶ BEEKE, Joel, JONES, Mark. **Teologia Puritana: Doutrina Para A Vida**. São Paulo: Vida Nova, 2016. p. 25

⁶⁷ LOPES, Nicodemus. **Puritanismo**. Disponível http://www.monergismo.com/textos/puritanos/puritanismo_o_augustus.htm acessado em 20 de agosto de 2020

⁶⁸ GONZÁLEZ, J. **Breve Dicionário de Teologia**. São Paulo: Hagnos. 2002. p. 214-215.

⁶⁹ CLARK, Gordon. **De Tales a Dewey**. São Paulo: Cultura Cristã, 2012. p. 258-259

⁷⁰ CAIRNS, Earle. **O Cristianismo Através Dos Séculos**. Edições Vida Nova: São Paulo, 1988. p. 419-428

evangélico. W. Robert Godfrey destaca que devido à ascensão do Avivalismo americano, muitas igrejas transformaram seus cultos solenes de adoração em ocasiões de evangelismo, marcados principalmente pelo apelo para ir à frente como novo elemento de culto. No que se diz respeito aos pregadores, passou-se a valorizar mais os pregadores leigos que os instruídos; quanto à música, os salmos foram substituídos por hinos e posteriormente por cânticos avivalistas de baixo conteúdo poético, musical e teológico. Corais e participações especiais passaram a compor o culto na finalidade de criar um clima de fervor e suposta espiritualidade, tornando a multidão receptiva à mensagem do pregador.⁷¹

2.3.4 Pós Modernidade

Recentemente os fundamentos da modernidade (objetividade e universalidade) têm sido criticados, e uma nova discussão tem acontecido sobre as maneiras de interpretar a realidade, dando forma a um novo período intitulado como pós-modernidade. Gary DeMar qualifica o pós-modernismo como um sistema anti-cosmovisão. Segundo Gary, este sistema intolerante a cosmovisões absolutistas, não só nega qualquer verdade universal e coloca em dúvida toda cosmovisão, como rejeita até mesmo a possibilidade de se ter uma cosmovisão coerente. A única coisa que pode ser conhecida é a experiência pessoal e a maneira que cada um interpreta o seu exterior:

Enquanto o modernismo e o cristianismo chocam-se na alegação que cada um faz da verdade, o pós-modernismo ataca o próprio conceito de verdade. Para o pós-modernismo, a verdade é simplesmente “o que funciona para você”. Para o pós-modernismo, então, alega não tanto uma ortodoxia (um sistema positivo de crenças ou cosmovisão) como ortopraxia (uma série de métodos de análise).⁷²

Referente à teologia, a pós-modernidade abriu o caminho a uma cosmovisão que não vê o universo como um sistema fechado de causa e efeito, sem espaço para a atividade divina, como no caso do movimento modernista. Neste sistema, cada indivíduo é livre para usar suas próprias experiências para interpretar a ética, cultura, história, ciência etc., e em especial, a Bíblia. No politicamente correto, todos podem estar certos, desde que não digam que os outros estão errados. Isto debilita as tentativas de corrigir as injustiças ou de promover a igualdade,

⁷¹ BOICE, James; VEITH, Gene; HORTON, Michael; FERGUSON, Sinclair; e outros. **Reforma Hoje**. São Paulo: Cultura Cristã, 1999. p. 161

⁷² DEMAR, Gary. **Pós Modernismo**. Disponível em: http://www.monergismo.com/textos/pos_modernismo/def-posmodernismo_demar.pdf, acessado em 23 de abril de 2020

visto que tanto a justiça como a igualdade, e outras ideias semelhantes, somente têm poder quando fazem parte de uma narração geralmente aceita.⁷³

O espírito pós modernista tem contagiado algumas igrejas, tornando-as avessas ao absolutismo. Um cristão não deve ter problemas com isso, pois a Bíblia é absolutista. D.A. Carson exemplifica isso de forma simples: Deus disse: ‘Não adulterarás’: isso é um absoluto. Isso é mau? Deus é absolutamente soberano: isso é intrinsecamente mau? Enquanto o modernismo é afiado e, no domínio da religião, concentra-se na verdade versus erro, no dogma correto, no confessionalismo; o pós-modernismo é delicado e, no domínio da religião, concentra-se em relacionamentos, amor, tradição compartilhada, integridade em discussão.⁷⁴

Consequentemente essa aversão ao absolutismo vai chocar-se com o princípio regulador do Culto e originar inúmeros estilos de adoração. Como bem identifica o Rev. Fúlvio Leite⁷⁵, essas igrejas são engajadas na busca de formas práticas de funcionamento que sejam aceitáveis e atraentes para a sociedade atual.⁷⁶ Neste ato de conformar o culto aos gostos de sua “freguesia” o culto ao Senhor é profanado; afastando-se do culto simples e espiritual, que havia sido resgatado pelos reformadores.

⁷³ GONZÁLEZ, J. **Breve Dicionário de Teologia**. São Paulo: Hagnos, 2002. p. 214-215 e 260.

⁷⁴ CARSON, D. A. **Igreja Emergente, o movimento e suas implicações**. Edições Vida Nova. São Paulo, 2010.

⁷⁵ Pastor da Igreja Presbiteriana da Redenção, Recife-PE. Professor de Teologia Sistemática no Seminário Presbiteriano do Norte - SPN. Bacharel em Teologia pelo Seminário Presbiteriano do Norte. Bacharel em Teologia pela Faculdade de Teologia Hokemãh. Licenciando em Filosofia pela faculdade Santa Fé. Mestrando em Teologia Sistemática pelo Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper.

⁷⁶ LEITE, Fúlvio. **Adoração Emergente**. Disponível em: <http://www.fatin.com.br/download/conexao-teologica/revista-semestral-vol2.pdf>. Acessado em 30 de abril de 2020.

3. CAPÍTULO II - O PRINCÍPIO REGULADOR DO CULTO E OS SEUS FUNDAMENTOS TEOLÓGICOS

Vimos nos capítulos anteriores uma narrativa histórica do uso do princípio regulador do culto desde o período Patrístico até os dias atuais. Neste capítulo, continuamos a estudar como Deus ordenou o culto no Antigo e Novo Testamentos. Também analisamos como o reformador João Calvino aplicou a doutrina do Princípio Regulador do Culto no contexto da reforma protestante e como a confissão e catecismos de Westminster, catecismo de Heidelberg e confissão escocesa expuseram a doutrina do Princípio regulador do culto, que a partir de agora será referido pela sigla PRC.

3.1. O PRC no Antigo Testamento e Novo Testamento

No Antigo e Novo Testamentos encontramos o nosso Deus manifestando sua ira santa contra aqueles que desobedeceram às prescrições dadas por Ele.⁷⁷ O zelo de Deus ao seu culto nos conscientiza de que saber adorar a Deus é uma questão de vida ou morte.⁷⁸

3.1.1 O PRC no Antigo Testamento

Muitas formas de cultos, acompanhados de sacrifícios prescritos, calendário rigoroso, construções suntuosas e ensino da Palavra são mencionados no Antigo Testamento. Todos estes aparatos serviram para ensinar o povo a respeito de Deus e apontaram para a gloriosa vinda do Messias. Observamos que repetidas vezes o Senhor exorta o seu povo a adorá-lo exatamente como Ele ordena.

Em Gênesis, encontramos o primeiro registro da adoração pós-queda, a oferta de Caim e Abel.⁷⁹ Este relato tem seu foco nos ofertantes, na oferta de cada um e na resposta de Deus a cada oferta. A palavra hebraica para oferta é **מִנְחָה** *min·hā(h)*' que significa um presente oferecido a uma divindade, um sacrifício;⁸⁰ refere-se a um tipo particular de sacrifício da lei mosaica, e em contextos não rituais ele se refere a uma dádiva em geral ou forma de tributo. Descreve ofertas de animais e, mais frequentemente, de cereais.⁸¹ Não importa se a dádiva é

⁷⁷ HAMILTON, Ian. **O princípio Regulador do Culto**. Revista Os Puritanos. Ano VIII, nº 3, abril, maio, junho. 2000, p. 23

⁷⁸ FRAME, John. **Em Espírito e Em Verdade**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006. p. 66

⁷⁹ Gênesis 4.3-7

⁸⁰ GESENIUS' HEBREW-CHALDEE LEXICON TO THE Old Testament Scriptures

⁸¹ **Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2011.

ouro, incenso, animais, carne ou colheita – ela precisa ser em tal quantidade e de tal qualidade que honre e agrade aquele que a recebe⁸².

Bruce Waltke explica que essa oferta é um ato de reverência à superioridade ou ao governo do receptor. Nesta cena, Caim e Abel são sacerdotes, que se aproximam de Deus com suas ofertas na finalidade de adorá-lo e serem aceitos por Ele. Sendo assim, Caim foi o primeiro a fracassar em reconhecer a superioridade ou governo de Deus.⁸³

O motivo que levou Deus rejeitar a oferta de Caim não tem a ver com a falta de sangue, e sim no que não se diz a respeito da oferta de Abel. O texto descreve que Abel ofereceu as primícias, ou seja, o melhor que ele tinha, ao Senhor; enquanto seu irmão ofereceu alguns frutos, e não as primícias. O pecado de Caim é a superficialidade. Ele parece religioso, porém seu coração não é totalmente dependente de Deus, não é sincero nem grato.⁸⁴ Daniel Hyde observa que os termos “primícias” e “gordura deste” são termos usados mais tarde na Lei quando Deus instrui sobre as ofertas da terra e animais.⁸⁵

Em concordância a isso, Walter Kaiser afirma que o próprio Deus inspecionava a oferta e o coração do ofertante e atribuía maior valor à condição do coração do ofertante do que à oferta que este trazia. Isto quer dizer que foi pela fé que Abel ofereceu um sacrifício mais aceitável que o seu irmão. A pergunta de Deus “Se procederes bem não é certo que serás aceito?” traz à tona a presença de regras que regulam a maneira aceitável de adorá-lo; se Caim tivesse seguido às regras estabelecidas por Deus, teria sido aceito⁸⁶. Caim primeiro fracassa no altar; e, porque fracassa no altar, também fracassa no campo. Porque ele fracassa em sua teologia, então fracassará na adoração.

Outro relato de um culto não aceito por Deus encontra-se em Levítico 10.30. O texto revela a reprovação do Senhor sobre a violação cerimonial de Nadabe e Abiú que ofereceram “fogo estranho”, isto é, um culto não ordenado e, por isso mesmo, proibido.⁸⁷ O fogo que consumiu os filhos de Arão foi uma advertência contra futuras violações, pois se Deus tivesse suportado a transgressão dos filhos de Arão sem os ter punido, eles haveriam de negligenciar toda a lei posteriormente.⁸⁸

⁸² WALTKE, Bruce. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2015. p. 521

⁸³ _____. **Comentário Gênesis**. São Paulo: Cultura Cristã, 2019. p. 115

⁸⁴ _____. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2015. p. 303

⁸⁵ HYDE, Daniel. **O Que é um Culto Reformado: Por que em uma igreja Reformada o culto é tão diferente da maioria das outras igrejas?**. Os Puritanos. Edição do Kindle. Conferir Êxodo 34.26; 34.19

⁸⁶ KAISER, Walter. **Teologia Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1988. p. 82

⁸⁷ HYDE, Daniel. **O Que é um Culto Reformado: Por que em uma igreja Reformada o culto é tão diferente da maioria das outras igrejas?** Os Puritanos. Edição do Kindle.

⁸⁸ SCHWERTLEY, Brian. **Sola Scriptura e o Princípio Regulador do Culto**. São Paulo: Os Puritanos, 2001. p. 12

Poderíamos até achar que Deus tenha exagerado na punição, porém, a severidade de Deus demonstra seu ódio a todos os rituais estranhos que provêm de nossa criatividade, desobediência ou descuidos.⁸⁹ Este alerta é válido até os dias de hoje. O fato de Deus prescrever detalhadamente o modo de adoração e punir os que o desobedecem demonstra o quão sagrado é o culto. A adoração ao Senhor deve ser regulamentada pela Palavra, pois a liturgia prescrita por Deus demonstra ao mundo quem Ele é. Fazer pouco caso das práticas prescritas por Ele é demonstrar desrespeito pela honra e dignidade divinas.⁹⁰

Em 2 Samuel 6.6-7, encontramos mais um relato de morte causada por Deus em contexto de adoração. Nestes dois versículos, nota-se dois erros durante o transporte da Arca da Aliança. O primeiro é que a arca não está sendo carregada pelas argolas e varas, como deveria, e sim nos ombros dos levitas.⁹¹ O Segundo, é que ninguém poderia tocá-la, sob pena de morte.⁹² Por mais bem intencionado que Uzá estivesse através do seu ato, ela não estava em conformidade com a Lei que o Senhor ordenara.

A morte de Uzá nos traz lições importantes quanto à adoração ao Senhor. Ela só será apropriada quando estiver em conformidade com a Palavra de Deus. Infelizmente, a arca havia sido transportada da mesma forma que os sacerdotes e adivinhadores filisteus a haviam enviado de volta ao povo de Israel.⁹³ Uzá substituiu a lei de Deus pelas regras humanas; por causa da sua falsa adoração EU SOU o matou. Portanto, concluímos que todas as invenções humanas e desobediência são lançadas na terra, pois o EU SOU exige reverência e obediência à sua Palavra.⁹⁴

Obedecer às práticas prescritas por Deus é fundamental para que nossa adoração seja aceita por Ele. Levítico 22.32⁹⁵ faz parte da perícopes de instruções dadas por Deus a respeito das ofertas apresentadas a Ele. O texto revela que os sacerdotes deveriam assegurar que todas as ofertas estivessem em conformidade com as instruções, caso contrário, seriam recusados pelo Senhor. Deus não quer que o Seu Santo nome seja profanado. Este ato de Deus confirma seu zelo contra toda e qualquer corrupção do seu culto. Isto significa que Deus se queixa

⁸⁹ BURROUGHS, Jeremiah. **Adoração Evangélica**. São Paulo: Os Puritanos, 2015. p. 22 a 25

⁹⁰ WALTKE, Bruce. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2015. p. 525

⁹¹ Conferir as seguintes passagens: Êxodo 25.12-14; 37.5; Números 4.15,19; 7.9; Deuteronômio 10.8; Juízes 3.8 1 Reis 8.3.

⁹² Conferir Números 4.15

⁹³ Conferir 1 Samuel 6.7

⁹⁴ WALTKE, Bruce. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2015. p. 739

⁹⁵ “Não profanareis o meu santo nome, mas serei santificado no meio dos filhos de Israel. Eu sou o Senhor, que vos santifico,” (ARA)

quando o seu culto não é realizado em obediência às suas regras. Somente aqueles que mantêm um culto obediente e sincero santificam o nome de Deus.⁹⁶

No livro de Deuteronômio, Deus preparou os israelitas para sua futura vida com Deus na terra prometida. Eles foram chamados a serem fiéis às condições estabelecidas pelo próprio Senhor. No que se diz respeito à adoração, os regulamentos anunciados por Moisés tratam da pureza do culto.⁹⁷ Em Deuteronômio 12.32, Deus expressa que os únicos atos legítimos de culto são os que têm Sua ordenação. Deus claramente condena como ilegítimo qualquer ato cúltico inventado pela imaginação humana.⁹⁸

Este ensino diversas vezes foi negligenciado pelo povo de Israel. Em Jeremias 7.21-24, o profeta comunica que a observância de atos religiosos não era um substituto à obediência ao Senhor. O povo, naquele momento, tinha uma confiança ímpia na forma externa da Lei cerimonial. Deus não estava interessado no sacrifício em si, seu interesse maior estava na obediência que precedia o sacrifício. Jeremias ressaltou: Andai em todo o caminho que eu vos ordeno.⁹⁹ Através de uma única e curta frase “O que eu nunca ordenei” Deus tira do homem a liberdade criativa, preservando seu culto: “Pois, quando os homens são a si mesmo o direito de adorarem a Deus segundo suas próprias concepções fantasiosas, e não obedecem aos Seus mandamentos, eles pervertem a verdadeira adoração.”¹⁰⁰ Ao reconhecer este princípio, evitamos o erro de perverter a verdadeira adoração.

Estaríamos errados em achar que todo esse rigor vindo de Deus seja um fardo para os que procuram o adorar. Em Números 15.39, Deus ordena que o seu povo esteja alegre com o preceito que Ele descreve. O nosso Senhor é um Deus zeloso, isto é, ele somente ama e deseja o seu povo tal qual o noivo, a sua noiva. Então Ele espera e deseja que Israel responda com o mesmo zelo durante seu culto.¹⁰¹

Neste texto há uma censura à tentativa de eles misturarem as próprias imaginações aos preceitos de Deus. O Senhor afirma que os homens adulteram quando são governados pelos

⁹⁶ SCHWERTLEY, Brian. **Sola Scriptura e o Princípio Regulador do Culto**. São Paulo: Os Puritanos, 2001. p. 127

⁹⁷ ARNOLD, Bill; BEYER, Bryan. **Descobrendo o Antigo Testamento, Uma perspectiva Cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2001. p. 150-151

⁹⁸ SCHWERTLEY, Brian. **Sola Scriptura e o Princípio Regulador do Culto**. São Paulo: Os Puritanos, 2001. p. 128

⁹⁹ KAISER, Walter. **Teologia Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1988. p. 237

¹⁰⁰ SCHWERTLEY, Brian. **Sola Scriptura e o Princípio Regulador do Culto**. São Paulo: Os Puritanos, 2001. p. 128

¹⁰¹ HYDE, Daniel. **O Que é um Culto Reformado: Por que em uma igreja Reformada o culto é tão diferente da maioria das outras igrejas?**. Os Puritanos. Edição do Kindle.

próprios conselhos. Isto exprime a verdade de que enquanto os homens cultuarem a Deus segundo suas vontades e satisfação, estarão cometendo adultério espiritual.¹⁰²

Em Êxodo 20.4-6¹⁰³, baseado em sua aliança com o povo, Deus orienta que devemos adorá-lo conforme a sua Palavra ao afirmar como não devemos fazer. Como bem expressa o teólogo Jochem Douma, o primeiro mandamento se opõe aos deuses estranhos, o segundo se opõe a toda forma de adoração a Yahweh ‘autodeterminada’ pelo homem.¹⁰⁴

Ao proibir a fabricação de imagens, ou seja, a representação de qualquer imagem Sua, Deus revela o seu padrão de adoração. O povo deveria se afastar de qualquer imitação aos outros estilos de culto das demais nações¹⁰⁵:

No paganismo, o relacionamento entre um deus e sua imagem é mais que pictórico ou representativo. Algo da santidade do deus se apegava à própria imagem. A ligação entre a imagem e o deus pode ser tão forte que o adorador considera o objeto material como divino de alguma maneira.¹⁰⁶

O segundo mandamento se opõe à falsa religião. O foco dele é eliminar todo e qualquer tipo de idolatria:

Basicamente, as pessoas elaboravam ídolos a fim de ajudá-las a ter acesso ao deus que elas queriam adorar e controle sobre ele. Isso é ofensivo para Deus. Além disso, adoração a ídolos era também ofensiva por que envolvia uma adoração a Deus que não foram ordenadas pela palavra dele. A única religião que é sadia para nós e aceitável a Deus é a religião de acordo com a prescrição dele.¹⁰⁷

Nele, Deus manifesta o seu desejo de ser adorado somente pela maneira que Ele mesmo ordenou; que neste caso, é uma contraposição à adoração ao Senhor por meio de imagens. Portanto, o verdadeiro e aceitável culto não só é isento de imagens e esculturas, mas fiel às prescrições do nosso Deus, deixando claro a doutrina do PRC.

¹⁰² SCHWERTLEY, Brian. **Sola Scriptura e o Princípio Regulador do Culto**. São Paulo: Os Puritanos, 2001. p. 127

¹⁰³ “Não farás para ti imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há em cima nos céus, nem embaixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não as adorarás, nem lhes darás culto; porque eu sou o Senhor, teu Deus, Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos até à terceira e quarta geração daqueles que me aborrecem e faço misericórdia até mil gerações daqueles que me amam e guardam os meus mandamentos.” (ARA)

¹⁰⁴ DOUMA, Jochem. **Os Dez Mandamentos: Manual para a vida cristã**. São Paulo: CLIRE, 2019. p. 53

¹⁰⁵ HAMILTON, Victor. **Comentários do Antigo Testamento, Êxodo**. São Paulo: Cultura Cristã, 2018. p. 488

¹⁰⁶ FRAME, John. **A Doutrina da Vida Cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2013. p. 436

¹⁰⁷ DIXHOORN, Chad Van. **Guia de Estudos da Confissão de Fé de Westminster**. São Paulo: Cultura Cristã, 2017. p. 287

3.1.2 O PRC no Novo Testamento

O Antigo Testamento foi uma época de sombras, símbolos, tipos e momento de preparação para vinda de Cristo. Jesus cumpre toda a lei cerimonial; ele é o sacrifício final e cabal pelo pecado, o único mediador, sumo sacerdote, toda a mobília do tabernáculo. A verdade é que Cristo libertou seu povo dos pecados e os transformou em um novo povo de Deus, num único corpo para prestar-lhe culto.¹⁰⁸

Toda essa mudança tornou o culto mais simples e livre, centralizado em Cristo, no Deus trino. Porém, essas mudanças não nos devem fazer pensar que o princípio de obediência às regras estabelecidas por Deus tenha sido abolido. No Novo Testamento, Deus continua a condenar o culto de si mesmo, não autorizado por Ele.¹⁰⁹ O mesmo rigor e seriedade de Deus com o culto veterotestamentário é encontrado no culto do Novo Testamento, o que demonstra o quanto Deus ainda leva a sério o seu culto.¹¹⁰

Esta seriedade de Deus é encontrada nas palavras de Jesus, que proferiu as palavras do profeta Jeremias, onde reprova a falta de piedade na adoração dos fariseus¹¹¹:

E, assim, invalidastes a palavra de Deus, por causa da vossa tradição. Hipócritas! Bem profetizou Isaías a vosso respeito, dizendo: Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. E em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos de homens.

A denúncia do profeta Jeremias é a mesma de Cristo, que revelou a impiedade de certos adoradores. Os fariseus até poderiam enganar alguns, mas nunca o filho de Deus.¹¹² Seu erro era invalidar a Palavra de Deus em favor de suas tradições. Eles se iludiam ao achar que adoravam a Deus, quando na verdade só satisfaziam as próprias vontades.¹¹³ Este ato contamina a adoração, e por isso seu culto era vão. Todo culto que é guiado por invenções humanas é inválido, maldito e detestável; não honra a Deus e beneficia ninguém.¹¹⁴

O Senhor Jesus, em seu encontro com a mulher samaritana, foi direto ao ponto no que se diz respeito à verdadeira adoração.¹¹⁵ Os samaritanos adoravam a Deus como eles bem

¹⁰⁸ FRAME, John. **Em Espírito e Em Verdade**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006. p. 49-54

¹⁰⁹ GRONINGEN, Gerard. **Revista Os Puritanos**. Ano VIII, nº 3, abril, maio, junho. 2000, p. 18

¹¹⁰ HAMILTON, Ian. **Revista Os Puritanos**. Ano VIII, nº 3, abril, maio, junho. 2000, p. 24

¹¹¹ Conferir Mateus 15.6-9 e Marcos 7.6-9

¹¹² HENDRIKSEN, William. **Comentário do Novo Testamento. Mateus**, Vol. 2. São Paulo: Cultura Cristã, 2010. p. 138

¹¹³ HYDE, Daniel. **O Que é um Culto Reformado: Por que em uma igreja Reformada o culto é tão diferente da maioria das outras igrejas?**. Os Puritanos. Edição do Kindle.

¹¹⁴ SCHWERTLEY, Brian. **Sola Scriptura e o Princípio Regulador do Culto**. São Paulo: Os Puritanos, 2001. p. 134

¹¹⁵ João 4.23

desejavam e por isso o culto deles era rejeitado. Os verdadeiros adoradores o adoram de acordo com a vontade dEle, e não as suas.¹¹⁶ Jesus também se referiu aos novos atos que Deus havia preparado para a salvação do seu povo através do seu sacrifício na cruz. A “verdade”, então, se refere às boas novas. O “em espírito” ao Espírito que testifica poderosamente o evangelho. O culto “em espírito e em verdade” é um culto trinitário, em que os adoradores adoram ao Pai em nome de Seu Filho e pelo poder do Seu Espírito.¹¹⁷

Em resposta ao debate suscitado pela mulher samaritana, Jesus afirma que muito em breve o lugar de adoração não seria mais um problema. Ele estava dizendo que a adoração do seu povo passaria a ser predominantemente espiritual e interna em aspectos em que a adoração do Antigo Testamento não era.¹¹⁸

A adoração a Deus se torna repugnante quando seus adoradores perdem o Senhor de vista e buscam a atenção dos que o rodeiam. Em Atos 5.1-11 encontramos o relato da morte do casal Ananias e Safira, membros da comunidade cristã de Jerusalém. Lucas ressalta a intenção que o casal tinha de ser visto e louvado pelos demais. O Espírito Santo revela a Pedro que a sua furtividade não foi contra homens, mas contra o próprio Deus e por essa causa foram mortos. Ananias e Safira permitiram que Satanás lhes enchesse o coração e recusaram a adorar a Deus, adorando então ao dinheiro. A punição que eles recebem é súbita como a dos filhos de Arão e Uzá. Essa punição revela que o povo de Deus deve saber que existe para servi-lo, e não o contrário.¹¹⁹ O pecado de Ananias e Safira foi a hipocrisia espiritual. Uma tentativa de associar piedade com impiedade, iniquidade com o culto a Deus. Ao invés de adorarem a Deus, adoraram a Mamon.¹²⁰

Se o cristão deseja adorar a Deus de forma piedosa, ele deve abandonar o culto a si mesmo. Em Colossenses 2.22-23, o que o Paulo ensina aos colossenses é que a verdadeira piedade está em não se basear em coisas pertinentes a este mundo passageiro. Em específico, ele cita os preceitos e doutrinas puramente humanos que prometem trazer salvação e vitória sobre o pecado. Estas doutrinas não apenas são desvalorizáveis como prejudiciais, pois os que depositam confiança nas invenções humanas, automaticamente deixam o temor ao Senhor.¹²¹

¹¹⁶ HYDE, Daniel. **O Que é um Culto Reformado: Por que em uma igreja Reformada o culto é tão diferente da maioria das outras igrejas?**. Os Puritanos. Edição do Kindle.

¹¹⁷ FRAME, John. **Em Espírito e Em Verdade**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006. p. 28

¹¹⁸ L. JOHNSON, Terry. **Adoração segundo as Escrituras**. Edição do Kindle.

¹¹⁹ KISTEMAKER, Simon. **Comentário do Novo Testamento, Atos**, Vol. 1. São Paulo: Cultura Cristã, 2018. p. 239-241

¹²⁰ ANGLADA, Paulo. **Atos, volume 1: O Testemunho apostólico em Jerusalém**. Ananindeua: Knox Publicações, 2015. p. 228

¹²¹ HENDRIKSEN, William. **Comentário do Novo Testamento. 1 e 2 Tessalonicenses, Colossenses e Filemon**. São Paulo: Cultura Cristã, 2007. p. 396

O apóstolo Paulo exorta os colossenses a não modelarem o culto segundo suas próprias vontades. O culto aparentaria fidelidade e humildade, mas na verdade consiste em cultuar a si mesmo, pois fazem o que agrada aos homens, não a Deus.¹²² A expressão “culto a si mesmo” significa justamente um culto que nasce da mente humana, baseado em falsos ensinamentos, não na Palavra de Deus.¹²³

Portanto, a nossa avaliação do culto não deve partir de uma perspectiva meramente humana, mas em conformidade à Palavra de Deus, que nos afastará do nosso próprio entendimento, ajudando assim a cultuar de maneira agradável ao Senhor.¹²⁴

Em 2 Timóteo 3.16-17, Paulo fala que pelo fato de toda a Escritura ser inspirada por Deus, ela é útil, benéfica ou proveitosa. É o instrumento indispensável para a comunicação acerca de Deus e suas vontades, como também código disciplinar ao cristão e repreensão aos falsos mestres e suas falsas doutrinas.¹²⁵

Embora o apóstolo Paulo não aborde explicitamente o cenário do culto, sabemos que ela está sim inclusa quando ele toca no tríplice ofício do crente – profeta, sacerdote e rei. Somente através das Sagradas Escrituras nos ensinam a adorar corretamente o nosso Senhor.¹²⁶

3.2 O PRC na Reforma

O termo protestante não é pejorativo, mas significa “uma testemunha”. Um protestante é uma testemunha de Jesus Cristo e da Palavra de Deus. Esse movimento surgiu em uma época de ignorância bíblica, imoralidade, superstição e credulidade, quando o culto era permeado por invenções humanas. O movimento protestante foi liderado pelos reformadores; uma de suas grandes batalhas fora contra as cerimônias pomposas e corruptas da Igreja Católica Romana, portanto, o foco dos reformadores era destruir a idolatria e trazer de volta a adoração ordenada por Deus.¹²⁷

¹²² HYDE, Daniel. **O Que é um Culto Reformado: Por que em uma igreja Reformada o culto é tão diferente da maioria das outras igrejas?** Os Puritanos. Edição do Kindle.

¹²³ HAMILTON, Ian. **Revista Os Puritanos**. Ano VIII, nº 3, abril, maio, junho. 2000, p. 25

¹²⁴ SCHWERTLEY, Brian. **Sola Scriptura e o Princípio Regulador do Culto**. São Paulo: Os Puritanos, 2001. p. 135

¹²⁵ HENDRIKSEN, William. **Comentário do Novo Testamento. 1 e 2 Timóteo e Tito**. São Paulo: Cultura Cristã, 2011. p. 373

¹²⁶ Hyde, Daniel. **O Que é um Culto Reformado: Por que em uma igreja Reformada o culto é tão diferente da maioria das outras igrejas?** Os Puritanos. Edição do Kindle.

¹²⁷ CANUTO, Manoel. **A Fé Protestante**. Brasília: Monergismo, 2001. p. 1

3.2.1 O PRC em Calvino

João Calvino acreditava firmemente que Deus repudia o culto humanamente inventado. Calvino argumenta que a religião pura é adulterada quando os adoradores se entregam à sua própria opinião. Baseado no ensino do apóstolo Paulo aos coríntios (1 Coríntios 10.20), o homem por si só, em virtude de sua cegueira mental, é incapaz de adorar a Deus.¹²⁸ Ele dá as costas a Deus e automaticamente colocam demônios no lugar de Deus. Esta adoração é corrupta também porque não está fundamentada em Jesus Cristo. Calvino concluiu que, para adorar corretamente, o homem depende unicamente de que o próprio Deus revele a forma de adoração.

As exigências e ordens espirituais infames da Igreja Romana foram a causa da corrupção do culto ao Senhor:

Nesta discussão não se toca à ordem política, mas apenas se trata do fato de que Deus seja devidamente cultuado, segundo a regra prescrita por ele mesmo, e que nos permaneça incólume a liberdade espiritual no que tange a Deus. Tem-se prevalecido o uso de que tradições humanas se chamem todos e quaisquer editos que, à parte de sua Palavra, provieram de homens acerca do culto de Deus. Temos lutado contra tais leis; não contra as santas e úteis disposições da Igreja que contribuem para conservar, seja a disciplina, seja a honorabilidade, seja a paz.¹²⁹

Todas as tradições humanas acumuladas ao longo dos séculos na Igreja Romana haviam se tornado ordenanças escravizadoras, que corromperam a noção de pecado, perdão, justiça e salvação e em especial o culto divino. Calvino combateu a tirania papal e a adoração demoníaca apelando a autoridade bíblica:

Ao dizer isto, entendo que não lhes é lícito mandar que a Igreja guarde como coisa necessária o que eles por si mesmos, à margem da Palavra de Deus, imaginaram em seu íntimo. Como este direito não só foi desconhecido aos apóstolos, mas também tantas vezes pela boca do Senhor foi proibido aos ministros da Igreja, admiro-me de que, em arrepio ao exemplo dos apóstolos, e contra a manifesta proibição divina, há quem ainda ouse hoje arrebatá-lo e defendê-lo.¹³⁰

O apelo de Calvino para a Igreja era o retorno à submissão às Sagradas Escrituras, a saber que somente Deus revela a lei perfeita e a esta lei todos os homens devem se sujeitar. Se Deus é o único legislador, é inconcebível a ideia de que o homem possa atribuir para si a autoridade de decidir a maneira de cultuá-Lo. Baseado em 2 Colossenses 2.8, Calvino relembra

¹²⁸ CALVINO, J. **As Institutas. Edição Clássica, Vol. 1.** São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2006. p. 68

¹²⁹ _____. **As Institutas. Edição Clássica, Vol. 4.** São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2006. p. 177

¹³⁰ Ibid., p. 185

aos seus contemporâneos que não se deve buscar da parte dos homens doutrina quanto ao verdadeiro culto imposto por Deus, porquanto o Senhor fielmente nos instruiu de forma sumária sobre como ele deve ser cultuado. Portanto, são ímpias todas as ordenanças regidas pelo imaginar humano.¹³¹

Calvino, comentando o salmo 50, entendia que o culto legítimo é aquele que desfruta da autoridade da Palavra e seu nome é celebrado com um coração sincero e grato.¹³² Todos os homens entendem que devem cultuar a Deus de maneira pura e espiritual, mas por vaidade, eles recorrem a artifícios ilusórios de uma adoração verdadeira. Essa tentativa de manter uma aparência de culto os fazem devotos às cerimônias que não passam de invenções humanas. A Bíblia é clara ao condenar aqueles que se gloriam em suas observações às ostentosas liturgias. Todos os “sacrifícios agradáveis” que constituem o culto genuíno são uma atitude de fé, renúncia, vida santa e confiança à cruz, um culto em que os adoradores estão atribuindo a Deus a honra devida ao seu nome em gratidão à sua bondade. Calvino salientou que a única espécie de culto aceitável é o espiritual, pois o Senhor é espírito. Visto que Deus sempre foi espírito, desde o Antigo Testamento, apesar das cerimônias legais, o culto aceitável era o espiritual. Isto implica que a adoração a Deus permite uma certa adaptação às circunstâncias culturais e é aceita pelo Senhor desde que essas adaptações sigam rigorosamente os princípios de culto explicitados por Deus em sua Palavra.¹³³

Ainda a comentar a Palavra de Deus, desta vez, o texto de João 4.24, Calvino demonstra que é incoerente querermos adorarmos ao Deus que é espírito com vista ao que é agradável aos seres de carne. A verdadeira adoração está em conformidade com a natureza de Deus. A observância deste princípio restringe a libertinagem em nossa mente de querer adorar ao Senhor através de tudo que é agradável segundo a carne. Ele conclui: Devemos buscar em sua Palavra a norma pela qual somos governados.¹³⁴

Quanto à música no culto, os reformadores ressaltam o grande apelo didático que ela carrega. Comentando o Salmo 136, Calvino definiu como zombeteiro e provocativo os cantos que saem pela ponta dos lábios e da garganta, mas com coração distante do Senhor, conforme o profeta Isaías. Fundamentando em 1 Coríntios 14.5 e Colossenses 3.16, defendeu que devemos adorar ao Senhor também pelo canto, este, não só pela voz, mas também com o coração sincero. Somente dessa forma o canto se constituiria em uma ação de edificação mútua.

¹³¹ Ibid., p. 183

¹³² CALVINO, João. **Comentário de Salmos - Vol. 2** (Série Comentários Bíblicos João Calvino) . Editora Fiel. Edição do Kindle. Conferir Salmo 50.5, 23.

¹³³ Ibid., Edição do Kindle. Conferir Salmo 50.14

¹³⁴ CALVINO, João. **Comentário de João - Vol. 1** (Série Comentários Bíblicos João Calvino) . Editora Fiel. Edição do Kindle. Conferir João 4.24

Portanto, partindo deste princípio revelado por Deus, entendemos como o canto deve ser usado e deduzimos claramente que os cantos entoados para deleite dos ouvidos são incompatíveis e desagradáveis na adoração a Deus.¹³⁵

3.3 O PRC nos Símbolos de Fé

Emílio Garofalo¹³⁶ afirmou que as confissões não são camisas de força, mas trilhos que ajudam a igreja nas tarefas missiológica, apologética e doxológica; não são prisões que enjaulam a criatividade e a vitalidade; são, sim, tanques de oxigênio que nos ajudam a mergulhar nas águas profundas das Escrituras.¹³⁷ O Rev. Paulo Anglada reforça que é inevitável para uma igreja que ela adote ou crie símbolos de fé por eles serem resumos sistemáticos ou didáticos das verdades fundamentais do Cristianismo e proporcionarem uma base doutrinária, litúrgica e prática para a Igreja.¹³⁸ Vemos então a conformidade da perspectiva de adoração nestes símbolos de fé com as Escrituras.

3.3.1 O PRC nos Símbolos de Fé de Westminster

Em observância ao segundo mandamento, os teólogos da Assembleia de Westminster derivaram o princípio regulador do culto, crendo que a proibição da idolatria era baseada num princípio mais amplo: que a adoração não deve ser baseada na imaginação humana. Certamente, a idolatria eleva o engenho, a especulação, a imaginação e a criatividade humanas acima da palavra de Deus.¹³⁹

Na confissão de Fé de Westminster, logo em seu primeiro capítulo, ao dissertarem a respeito da autoridade e suficiência das Escrituras como revelação da vontade de Deus para os homens, os teólogos salientaram que a sua autoridade se estende ao culto de Deus. Eles também observam que em algumas circunstâncias, é exigido do homem prudência cristã em submissão às Escrituras.¹⁴⁰ John Frame acertadamente diz que os que se empenham no uso do princípio regulador da Confissão descobrem que precisa usar sua sabedoria humana de outros modos também.¹⁴¹ Chad Van Dixhoorn, comentando essa seção, exemplifica essas

¹³⁵ CALVINO, João. **As Institutas. Edição Clássica, Vol. 3.** São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2006. p. 358

¹³⁶ Emilio Garofalo Neto é ministro presbiteriano e pastor da Igreja Presbiteriana Semear em Brasília, DF. Completou seu Ph.D no Reformed Theological Seminary, nos EUA. É professor de teologia sistemática no Seminário Presbiteriano de Brasília e professor visitante em teologia pastoral no CPAJ.

¹³⁷ R. TRUEMAN, Carl. **O imperativo confessional.** Brasília: Editora Monergismo. Edição do Kindle.

¹³⁸ ANGLADA, Paulo. **Sola Scriptura: A Doutrina Reformada das Escrituras.** Knox Publicações. Edição do Kindle.

¹³⁹ FRAME, John. **A Doutrina da Vida Cristã.** São Paulo: Cultura Cristã, 2013. p. 450

¹⁴⁰ Conferir Confissão de Fé de Westminster, I.6.

¹⁴¹ FRAME, John. **A Doutrina da Vida Cristã.** São Paulo: Cultura Cristã, 2013. p. 450

circunstâncias como sendo o horário de culto mais adequado a todos, a escolha de um local que proteja os adoradores do sol e do frio. São atitudes que não são explicitamente ordenadas pelo Senhor, mas logicamente deduzidas em consonância com as Escrituras. Anglada explica que, diferente dos elementos do culto, as circunstâncias de culto¹⁴² são coisas necessárias ao culto no sentido de auxiliar os adoradores em sua adoração ao Senhor, como por exemplo, uma boa iluminação, horário, vestes, local, móveis, duração do culto. Estas circunstâncias necessitam sempre obedecer aos limites estabelecidos pela própria Escritura.

No capítulo XXI da confissão, 1º seção, é declarado que o modo aceitável de adorar ao Senhor é instituído por ele mesmo. Essa vontade é perfeita e limita-nos de adorá-lo segundo nosso próprio gosto, imaginações ou sugestões de Satanás. Esta exigência do nosso Senhor se dá em resposta a nossa natureza pecaminosa:

Visto, porém, ser depravada a natureza moral do homem, bem como pervertidos seus instintos religiosos e suas relações com Deus interrompidas pelo pecado, é por si mesmo evidente que se faz necessária uma explícita e positiva revelação, não só para comunicar ao homem que Deus de forma alguma admitirá seu culto, mas também para prescrever os princípios e os métodos segundo os quais esse culto e ministério poderão ser prestados.¹⁴³

Embora a luz da natureza nos ensine que devemos adorar a Deus, a maneira como devemos adorar a Deus é dada na Escritura que, de acordo com nossa confissão, ensina um princípio de adoração, que nós podemos chamar de Princípio Regulador do Culto (PRC). O princípio regulador Luterano e Romano de Adoração é: tudo o que não é proibido é permitido ou tudo o que não é sancionado nas Escrituras não é necessariamente proibido. Em contra partida, o princípio reformado, que é dado em nossa Confissão é tudo o que não é sancionado na Palavra de Deus é proibido.¹⁴⁴

Portanto, não temos qualquer direito, em nenhuma circunstância, de ir além da clara autoridade das Escrituras. Deus abomina a adoração baseada em gostos, formas ou conveniência meramente humanas. O princípio Regulador do Culto defendido pelos

¹⁴² Trecho de um estudo que faz parte de uma série sobre a **Fé Reformada** ministrada na Igreja Presbiteriana Central do Pará em 2008 pelo Rev. Paulo Anglada. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8vqTPlk3jGg>; 15:25. Diferença entre elementos e circunstâncias de culto: Elementos de culto são os atos que tem significado religioso, prescritos na Palavra de Deus como formas aceitáveis de culto. Elementos circunstanciais são todas as demais coisas de caráter não religioso, mas necessárias à realização do culto, mas que são coordenadas à luz dos princípios gerais das Escrituras.

¹⁴³ HODGE, A.A. **Confissão de Fé de Westminster comentada por A. A. Hodge**. São Paulo: Os Puritanos, 1999. p. 369

¹⁴⁴ LIM, J. J. **WCF 21: Of religious worship And the sabbath day**. Disponível em: <http://www.pilgrim-covenant.com/westminster-confession-studies> acessado em: 26 de agosto de 2020

reformados vai além de evitar o que é proibido pelo Senhor, mas agradasse adorá-lo como é prescrito. Dixhoorn observa que essas prescrições impedem a igreja de promover atividades que são práticas, bonitas, confortáveis, porém antibíblicas.¹⁴⁵

O Breve Catecismo de Westminster extrai do segundo mandamento a ordem de observarmos e guardarmos puros e inteiros o culto e ordenanças religiosas que Deus instituiu na Sua Palavra, a proibição de adorá-Lo por meio de imagens ou qualquer outra maneira não prescrita em razão da soberania, propriedade e zelo de Deus.¹⁴⁶ O culto cristão necessita estar coerente com a Palavra de Deus. A proibição da idolatria tem a ver com a maneira que a igreja deve adorar ao Senhor. A igreja que observa o segundo mandamento se mantém firme na fé.

O motivo pelo qual devemos guardar puro e inteiro o culto a Deus é indicado por Ele mesmo em Êxodo 20.5-6: Eu sou o Senhor teu Deus, Deus zeloso. Leonard T. Van Horn comenta que a palavra “zeloso” significa zelo justo e carrega o sentido de que ele guarda, protege e defende o seu povo. Deus sente grande empatia pelo seu povo e se alegra em vê-lo guardar seus preceitos. A palavra “zelo” também denota ciúme pelo seu povo. O mesmo ciúme que um noivo sente pela sua noiva, ou seja, Deus não suporta ter um rival ou que seu povo se distancie dEle.¹⁴⁷

O Catecismo Maior de Westminster descreve com mais detalhes o guardar puro e inteiro o culto segundo as prescrições do Senhor com base em Êxodo 20.4-6. Ele descreve os elementos de culto ordenados por Deus a serem guardados:

(...) a oração e ações de graças em nome de Cristo; a leitura, a prédica, e o ouvir da Palavra; a administração e a recepção dos sacramentos; o governo e a disciplina da igreja; o ministério e a sua manutenção; o jejum religioso, o jurar em nome de Deus e o fazer os votos a Ele; (...) ¹⁴⁸

Johannes Geerhardus Vos comenta que o dever do cristão é justamente reconhecer as obrigações impostas do Deus ao culto, praticá-las e impedir a retirada de algum desses elementos ou acrescentado algo inventado pelo homem. Mas infelizmente essas obrigações têm sido negligenciadas e o verdadeiro culto corrompido pela ideia de que o homem tem a

¹⁴⁵ DIXHOORN, Chad Van. **Guia de Estudos da Confissão de Fé de Westminster**. São Paulo: Cultura Cristã, 2017. p. 287

¹⁴⁶ Breve Catecismo de Westminster, perguntas 50, 51 e 52.

¹⁴⁷ HORN, Leonard T. Van. **Estudos no Breve Catecismo de Westminster**. São Paulo: Os Puritanos, 2009. p. 100

¹⁴⁸ Catecismo Maior de Westminster, pergunta 108.

liberdade de adorar a Deus da maneira que ele bem imaginar, desde que seja de forma sincera.¹⁴⁹

O Catecismo Maior ainda apresenta que o segundo mandamento exige, bem como o desaprova, detesta e opõe-se a todo o culto falso, e, segundo a posição e vocação de um, o remover tal culto e todos os símbolos de idolatria. Segundo Geerhardus Vos, as implicações desse desaprovado se dá ao opor-se às práticas de qualquer culto falso, como sua não participação deles.¹⁵⁰

O Catecismo maior identifica os pecados proibidos no segundo mandamento como sendo:

Inventar, aconselhar, ordenar, usar e aprovar de algum modo qualquer culto religioso não instituído pelo próprio Deus; tolerar uma religião falsa, fazer qualquer representação de Deus – de todas ou de qualquer uma das três pessoas – quer interiormente em nossas mentes, quer externamente em qualquer tipo de imagem ou semelhança de alguma criatura, e toda a adoração dessa representação, ou de Deus nela ou através dela; o fazer qualquer imagem de deuses imaginários e todo o culto ou serviço a eles pertencentes; todas as invenções supersticiosas, corrompendo o culto de Deus, acrescentando ou tirando dele, quer sejam inventadas e adotadas por nós, quer recebidas por tradição de outros, embora sob o título de antiguidade, de costume, de devoção, de boa intenção, ou por qualquer outro pretexto; a simonia, o sacrilégio; toda a negligência, desprezo, impedimento e oposição ao culto e ordenanças que Deus instituiu.¹⁵¹

A lista é vasta e, com certeza, não exaustiva. A ordem negativa deste mandamento atinge o interesse humano de adequar os preceitos divinos às suas vontades. Geerhardus aponta a soberania divina como base principal do culto ao Senhor. Sendo Deus soberano sobre todas as esferas da vida, Criador, Onipotente, preservador e Fim de todas as coisas, Ele detém suprema e absoluta autoridade quanto à maneira que deve ser adorado. Rejeitar os estatutos de Deus é esquecer que Deus é soberano e voltar-se a qualquer outro deus imaginado pela mente humana.¹⁵²

3.3.2 O PRC no catecismo de Heidelberg

Assim como os demais documentos aqui apresentados, o Catecismo de Heidelberg defende que a adoração a Deus deve ser feita exclusivamente da maneira que Ele ordena na Bíblia:

¹⁴⁹ GEERHARDUS, Johannes Vos. **Catecismo Maior de Westminster Comentado**. São Paulo: Os Puritanos, 2015. p. 335

¹⁵⁰ Ibid., p. 335

¹⁵¹ Catecismo Maior de Westminster, pergunta 109.

¹⁵² GEERHARDUS, Johannes Vos. **Catecismo Maior de Westminster Comentado**. São Paulo: Os Puritanos, 2015. p. 335

Não podemos, de maneira alguma, representar Deus por imagem ou figura. Devemos adorá-Lo somente da maneira que Ele ordenou em sua palavra. Não se pode nem deve fazer nenhuma imagem de Deus. As criaturas podem ser representadas, mas Deus nos proíbe fazer ou ter imagens delas para adorá-las ou para servir a Deus por meio delas. Não devemos ser mais sábios do que Deus. Ele não quer ensinar a seu povo por meio de ídolos mudos, mas pela pregação viva de sua Palavra.¹⁵³

Garrelt Wieske comenta que fazer imagem de Deus não se restringe a esculpir qualquer tipo de imagem do Senhor, mas também as que formamos em nossas mentes.¹⁵⁴ As pessoas têm a tendência de descaracterizar Deus e conceber em suas mentes um deus que mais lhe pareça agradável. Por mais estranho que pareça, muitas pessoas vão à igreja achando que estão adorando ao SENHOR, quando na verdade estão servindo ao seu próprio ídolo. Para nos protegermos dessa falsa adoração, temos que amar e zelar a forma que Deus instituiu de adorá-lo. Caso contrário, amontoaremos juízo para nós mesmo e prejudicaremos o nosso próximo.

3.3.3 O PRC na Confissão de Fé Escocesa.

Com o objetivo de anunciar ao mundo, as doutrinas professadas pelos reformados da Escócia, John Knox juntamente com seus demais colegas pastores, escreveram em quatro dias vinte e cinco breves capítulos conhecidos hoje como Confissão de Fé Escocesa.

O 14º capítulo trata sobre as obras que são consideradas boas diante de Deus. Nesse capítulo, Knox confessa que as Escrituras não apenas revelam o que é proibido por Deus, mas também ordena aquilo que lhe é agradável. Em referência aos quatro primeiros mandamentos, ela disserta: Ter um só Deus, adorá-lo e honrá-lo, invocá-lo em todas as nossas dificuldades, reverenciar o seu santo nome, ouvir a sua Palavra e crer nela, participar dos seus santos sacramentos.¹⁵⁵

Ao focar sua lente na adoração ao Senhor, Knox denuncia que obras más não são apenas aquelas explicitamente contrárias aos mandamentos ou proibições, mas que travestidas de sabedoria, fundamentam-se na invenção e a opinião do homem, de acordo com o profeta Isaías 29.13: Em vão me adoram, ensinando doutrinas que são mandamentos de homens.¹⁵⁶

¹⁵³ Catecismo de Heidelberg, compilado das respostas 96, 97 e 98.

¹⁵⁴ WIESKE, Garrelt. *O Glorioso Evangelho da Graça*. Recife: Clire, 2013. p. 418

¹⁵⁵ BOND, Douglas. *A Poderosa Fraqueza de John Knox (Um Perfil de Homens Piedosos)*. Editora Fiel. Edição do Kindle.

¹⁵⁶ Ibid., Edição do Kindle.

4. CAPÍTULO III - O PRINCÍPIO REGULADOR E SUAS IMPLICAÇÕES

Neste último capítulo apresentamos algumas implicações importantes e os benefícios do uso do Princípio Regulador do Culto para a igreja contemporânea, na adoração bíblica, no cuidado em nos prepararmos para o momento sublime de adoração cristã e assim aumentaremos nossa esperança ao olharmos para um futuro culto livre de pecados em um novo céu e nova terra.

4.1 O benefício de uma adoração bíblica

A adoração cristã verdadeira é bíblica, cristocêntrica, trinitária teocêntrica e não antropocêntrica, o culto cristão consiste em fazer o que Deus ordena com a finalidade de glorificar devidamente o seu nome. O verdadeiro adorador não cultua segundo seus próprios desejos, caso contrário, estaria promovendo “culto de si mesmo”, afastando-se da verdadeira adoração e deixando de desfrutar dos seus benefícios.¹⁵⁷ Isto está em completa sintonia com a perspectiva de John Owen:

Obediência do cliente às normas de Deus faz parte da aliança conjugal que em Cristo ele estabeleceu com o cliente. Quando este vem adorar, mostra que está casado com Cristo de rigor mas, quando diz tenha da adoração ou a profana por meio de invenções ou acréscimos que ele mesmo faz, ele comete infidelidade, prostituição e adultério espiritual, os quais sua alma abomina e devido aos quais ele lançará fora qualquer igreja ou pessoa, e isso para sempre.¹⁵⁸

Os pastores e demais líderes da igreja devem zelar por uma adoração obediente aos mandamentos do Senhor, pois a igreja “que não cuida para que o culto que Cristo designou seja celebrado devidamente, não entendeu a razão principal da existência dela”.¹⁵⁹ O descuido pelo culto se dá através de um desequilíbrio que pode acontecer de duas formas. A primeira, quando a igreja decide seguir as tendências contemporâneas reduzindo o conteúdo bíblico dos cultos públicos (com menos leitura, pregação, canto e oração bíblicas) levando-a a morrer por causa de sua dieta de apenas leite. No outro extremo, estão aqueles que, em nome da adoração reformada, têm reinstituído seus distintivos rápidos demais e em quantidades indigestas, fazendo com que a igreja se engasgue com doses indigestas de carne vermelha. Nós devemos sim reformar a adoração segundo as Escrituras, mas com sabedoria.¹⁶⁰

A adoração, quando feita sabiamente, fará o adorador sentir mais agudamente a malignidade do pecado e sua própria corrupção. Ela aprofundará a sua humildade e o tornará

¹⁵⁷ HYDE, Daniel. **O Que é um Culto Reformado: Por que em uma igreja Reformada o culto é tão diferente da maioria das outras igrejas?** Os Puritanos. Edição do Kindle. Conferir Salmo 29.2 3 Colossenses 2.23.

¹⁵⁸ BEEKE, Joel; JONES, Mark. **Teologia Puritana: Doutrina para a vida.** São Paulo: Vida Nova, 2016. p. 954

¹⁵⁹ OWEN, John. **Apostasia do Evangelho.** São Paulo; Os Puritanos, 2002. p. 175.

¹⁶⁰ L. JOHNSON, Terry. **Adoração segundo as Escrituras.** Brasília: Monergismo, 2014. Edição do Kindle.

mais dedicado e cuidadoso em relação à sua vida espiritual. J. C Ryle compara a falsa adoração pública com os malefícios do uso contínuo de uma dose de uísque ou de mascar ópio diário, ela produzirá no adorador impressões mais fracas a cada ano, enquanto a verdadeira adoração, como alimento saudável, fortalecerá aquele que dela participa e o fará crescer interiormente a cada ano.¹⁶¹ No culto solene, aprendemos a como viver em adoração no restante da semana. Ouvir sermões pela internet pode amenizar a situação, mas jamais será o mesmo que ouvir Cristo falando pelos ministros ordenados para isso em culto público. Ali, Deus prometeu sua presença especial, é por isso que os desigrejados estão equivocados e precisam se arrepender e voltar à comunhão da igreja visível.¹⁶²

A adoração bíblica não consiste em um encontro entre pecadores, mas um encontro de pecadores com o Deus Santo e Justo. Estar na presença do poderoso e único Deus é manter-se em reverência. Infelizmente algumas igrejas realizam seus cultos como se fossem grandes encontros sociais para atender as carências semanais dos crentes, que adotam uma postura meramente consumista. Esta postura irreverente durante o culto se dá pela falta de senso de que cultuar é servir a Deus – note que popularmente as pessoas dizem “vou assistir o culto” e não “prestar culto ao Senhor.”

Daniel Hyde destaca que os termos hebraicos e gregos bíblicos revelam que o culto significa prostrar-se, cair no chão, uma atitude que expressa honra vinda do adorador ao ser adorado; o verbo grego *leitourgeine* denota serviço à comunidade ou ao estado e é usado pela septuaginta e Novo Testamento para os atos de culto. Então o culto não é apenas comunhão dos santos, mas o encontro com o Próprio Deus e nos é ordenado que nos apresentemos com reverência, humildade e concentração nEle para o seu serviço. Através dos meios de graça, pregação do evangelho e fiel administração dos sacramentos, todo o Seu povo é abençoado. No culto, Deus vem ao encontro de nossas verdadeiras e mais profundas necessidades, dando-nos a terapia espiritual de que precisamos.¹⁶³

Durante o início da pandemia do covid-19, as igrejas foram privadas de prestar e desfrutar dessa presença especial do SENHOR. Rev. Rodrigo Brotto¹⁶⁴ nos lembra que não é a primeira vez que isso acontece com o povo de Deus (Jeremias 29.10; Lamentações 2.56).

¹⁶¹ RYLE, J. C. Adoração. **Prioridade, princípios e prática**. São Paulo: Editora Fiel, 2010.

¹⁶² BROTTTO, Rodrigo. **O Exílio do Coronavírus: Quando Deus tirou o Seu Culto de Sua Igreja**. Natal: Nadere Reformatie Publicações, 2020. Edição Kindle.

¹⁶³ HYDE, Daniel. **O Que é um Culto Reformado: Por que em uma igreja Reformada o culto é tão diferente da maioria das outras igrejas?** Os Puritanos. Edição do Kindle.

¹⁶⁴ Rev. Rodrigo Ferreira Brotto é formado em Letras-Português pela UnB e MDiv pelo Greenville Presbyterian Theological Seminary..

Quando o povo deixou de se agradar em Deus e na adoração solene, a punição de Deus foi afastá-lo do culto público (2 Crônicas 36.21; Levítico 26.34, 35 e 46).¹⁶⁵

Deus é onipresente e sem dúvidas Ele está presente em todos os lugares. Mas Deus prometeu a seu povo sua presença especial em alguns momentos e lugares e este contexto é o culto. (Salmo 65.1-4; 75.1; 100.1-2, 4; Jonas 2.2-4) A santa convocação lida para iniciar o culto é Deus chamando a sua igreja para entrar em sua santa presença. Rodrigo Brotto assertivamente afirma que a Santa Convocação não serve apenas para demonstrar que o culto vai começar, mas, principalmente, que aprouve a Deus nos visitar, mais uma vez, no dia e lugar que Ele estabeleceu para isso. Deus reservou o domingo para se encontrar com seu povo de maneira especial, por isso este é um culto solene e que não deve ser negligenciado.¹⁶⁶

A presença especial de Deus é o grande motivo para o culto ao Senhor ser reverente. Infelizmente, os nossos dias têm sido marcados por uma busca e satisfação na adoração informal e irreverente ao Senhor:

É inútil vasculhar a Escritura em busca do tipo de adoração informal e descontraída que há em tantas igrejas hoje. Apesar de quase não existir antes da última metade do século XX, esse viés extremado de culto informal é tão dominante em nossos dias que uma postura séria e reverente é muitas vezes considerada desnecessariamente formal e enfadonha.¹⁶⁷

Em seu sermão no monte, Jesus constantemente nos lembra da nossa filiação, que os crentes têm com Deus, sempre ressaltando-o como “Pai Celeste”. Uma vez que sou filho de Deus, posso ficar à vontade em sua presença amorosa e acolhedora, mas é um erro esquecer-se de que no culto público estou num encontro com Deus — aquele que me fez, meu juiz, meu rei.¹⁶⁸

Ryle destaca que o coração é a primeira coisa que Deus pede que o homem traga ao se aproximar dEle, em culto público ou particular.¹⁶⁹ A igreja pode estar lotada de adoradores que se curvam, choram, levantam suas mãos, oram incessantemente. Aos nossos olhos isso pode parecer muito piedoso, porém Deus, que sonda o coração de cada um de nós, sabe quem está se portando como um hipócrita ou não. Apesar de estarmos o adorando com nossa boca, nossos

¹⁶⁵ BROTTTO, Rodrigo. **O Exílio do Coronavírus: Quando Deus tirou o Seu Culto de Sua Igreja**. Natal: Nadere Reformatie Publicações, 2020. Edição Kindle.

¹⁶⁶ Ibid., Edição Kindle

¹⁶⁷ PAYNE, Jon. **No Esplendor da Santidade: Redescobrimo a Beleza da Adoração Reformada para o Século XXI**. Os Puritanos. Edição do Kindle

¹⁶⁸ RYKEN, Thomas, & Duncan, eds., Give Praise to God, 312. Citado em PAYNE, Jon. **No Esplendor da Santidade: Redescobrimo a Beleza da Adoração Reformada para o Século XXI**. Os Puritanos. Edição do Kindle.

¹⁶⁹ RYLE, J. C. **Adoração. Prioridade, princípios e prática**. São Paulo: Editora Fiel, 2010. p. 8

corações podem estar distantes da leitura lida, oração proferida e mensagem pregada. Muitas vezes nos pegamos durante o culto distraídos.¹⁷⁰

Do mesmo modo que os amantes do livro de Cantares desejam encontro, quando por um curto espaço de tempo se separam, o cristão alheio por preocupações do mundo busca ardentemente comunhão renovada com Deus. Quando esquecemos o valor desse encontro com Deus e nos dirigimos a ele desinteressados, a adoração que prestamos não passa de religiosidade exterior, fachada habitual, em vez daquela de coração.¹⁷¹ O sentimento de insatisfação com esse estado de desinteresse é sinal evidente da graça de Deus. Essa insatisfação manifesta uma profunda solidão da alma diante da necessidade de comunhão com o Senhor. É preocupante quando o cristão não age dessa forma, isso revela um mal estar espiritual.

4.2 Preparando-se para adorar

Para adorarmos corretamente, precisamos nos preparar. O culto solene tem a presença especial de Deus. É por isso que quando a igreja é impedida de reunir-se, seja por perseguição, seja por causa de uma pandemia, ela lamenta profundamente. Não é apenas a comunhão entre os irmãos que foi perdida, mas o encontro com a presença especial com Deus. Se, nas atividades de adoração, estamos perto de Deus, isso nos mostra a grande honra que Deus concede aos seus servos que o adoram.¹⁷² Neste ato, Deus demonstra o quanto nos ama e nos considera. Da mesma forma que nos preparamos para uma viagem, um casamento ou a uma visita em casa, devemos muito mais nos preparar para o encontro com o Deus altíssimo. Se ao menos os homens compreendessem a grandeza das atividades relacionadas à adoração a Deus, veriam a necessidade de se prepararem para elas.¹⁷³

Se tudo que fazemos, seja exercícios físicos, arte, música, trabalho, relacionamento, exigem preparação, por que em adoração cristã seria diferente? Russel Shedd afirma que:

Cultuar também exige preparo. Reconhecemos, em princípio, que Deus tem, para nós, seus filhos, importância e é infinitamente maior do que qualquer auditório de serviço profissional. Mas, na prática, comumente esquecemos aquele a quem oferecemos nossa adoração. O preparo que prestigiamos é o do líder do culto ou do coro, ou de qualquer outra pessoa que faça uso da palavra.¹⁷⁴

¹⁷⁰ Conferir 1 Samuel 16.7; Salmo 51.17; Ezequiel 33.31; Mateus 15.8-9; Isaías 29.13.

¹⁷¹ SHEDD, Russel. **A adoração bíblica: Os fundamentos da verdadeira adoração**. São Paulo: Vida Nova, 2007. p. 68

¹⁷² BURROUGHS, Jeremiah. **Adoração Evangélica**. Os Puritanos. Edição do Kindle.

¹⁷³ Ibid.

¹⁷⁴ SHEDD, Russel. **A adoração bíblica: Os fundamentos da verdadeira adoração**. São Paulo: Vida Nova, 2007. p. 65

Quando não nos preparamos para adorar ao Senhor antes de chegar ao culto, teremos que gastar um tempo precioso durante a adoração para tentarmos aquecer nosso coração para o momento. Burroughs diz que é preciso haver preparação porque, por natureza, nosso coração é extremamente despreparado para toda boa obra. Todos nós, por natureza, somos reprovados para toda boa obra. Os deveres da adoração a Deus são atividades elevadas, espirituais e santas, mas por natureza nosso coração rasteja na sujeira e somos carnisais, sensuais, impuros, mortos, fracos, insensíveis e presunçosos, totalmente inadequados para entrar na presença de Deus.¹⁷⁵ Problemas na família, uma discussão antes de sair de casa para o culto, ansiedades profissionais, uma mente muito acelerada ou fixada em determinadas tarefas são alguns exemplos do que podem nos atrapalhar. Como posso adorar a Deus se minha mente está pensando no trabalho que tenho que entregar esta semana e ainda não fiz? Não a nada de errado em matutar soluções para o trabalho, o problema é fazer isso na hora errada – na adoração.

Como preparo para cultuar ao Senhor, devemos fazer uma autoavaliação que nos conduza ao arrependimento. À luz de: Isaías 1. 11, 13; Salmo 50.7-16; Mateus 6.12; Lucas 11.4 e 1 João 2.1, o culto oferecido sem a devida purificação é declarado detestável. Uma das explicações mais coerentes para frieza e aridez de muitos cultos é o pecado que existe no coração dos membros da igreja. Conscientemente ou não, optamos pelo comodismo da iniquidade não confessada, em vez da alegria no Senhor. Em nossas liturgias, existe o momento de confissão de pecados, mas o momento em si não soluciona o problema se não houver contrição, isto é, sincero arrependimento da rebeldia. Se não clamarmos pela atuação do espírito em nós, provavelmente a hipocrisia não será removida do caminho da adoração.¹⁷⁶

É importante que tanto os líderes como os membros da igreja estejam cientes dessa presença especial do Senhor e dos benefícios que a igreja recebe ao adorá-lo segundo seus preceitos. Jeremiah Burroughs alerta que o ministro deve preparar-se para pregar a fim de não ir com suas próprias paixões para promover a justiça de Deus, pois a ira do homem não produz a justiça de Deus; e aos que vão ao culto, devem acalmar os corações antes de cultuar e retirar qualquer desejo mundano que esteja longe da natureza de adoração, para que ao ouvirem a Palavra, possam acolhê-la com mansidão, a qual é poderosa para salvar a vossa alma (Tiago 1.21). Não se preparar para o culto é levar fogo estranho em nosso serviço a Deus.¹⁷⁷

¹⁷⁵ BURROUGHS, Jeremiah. **Adoração Evangélica**. Os Puritanos. Edição do Kindle.

¹⁷⁶ SHEDD, Russel. **A adoração bíblica: Os fundamentos da verdadeira adoração**. São Paulo: Vida Nova, 2007. p. 72

¹⁷⁷ BURROUGHS, Jeremiah. **Adoração Evangélica**. Os Puritanos. Edição do Kindle.

Como bons ouvintes, devemos nos esforçar para compreender o significado da mensagem pregada pelo ministro. Se na vida escolar e profissional as pessoas esperam ser desafiadas intelectualmente, por que na igreja seria diferente?

Muitas pessoas vêm para a igreja esperando ser alimentados de colherinha. Elas não têm desejo de pensar ou aprender ou crescer. Elas querem simplesmente ouvir a pregação habitual. Elas não estão ansiosas para crescer na graça e no conhecimento do Senhor Jesus Cristo. Tal passividade parece anormal, visto que em outras áreas da vida, os humanos resistem a serem alimentados de colher. Uma criança ficaria embaraçada se sua mãe a alimentasse diante dos amigos.¹⁷⁸

Infelizmente, muitos não desejam desafios intelectuais, emocionais e espirituais, querem tudo pronto. Elas não desejam se aprofundar na teologia bíblica, mas viver nas margens do profundo oceano bíblico. Essa tem sido uma postura ora dos que ouvem a Palavra, ora dos que pregam a Palavra.

O que nós fazemos durante a semana influencia significativamente a nossa postura espiritual no culto dominical. A preparação durante a semana cultiva um coração voltado para o culto, ajudando-nos a oferecer o nosso melhor a Deus no Dia do Senhor. A Bíblia nos apresenta três tipos de culto, o doméstico, o particular e o público e é por esses dois primeiros citados que se dá o preparo do coração do adorador.

Jon Payne, analisando o culto particular de Davi no salmo 63 observa que esse ato reservado entre o Rei Davi e o Senhor o prepara e o leva a contemplar o poder e a glória de Deus no culto público (v.2). O próprio Cristo também separava tempo para suas devocionais (Marcos 1.35), não temos razões para acharmos que estamos isentos dessa prática.¹⁷⁹

O culto familiar é um treinamento espiritual básico para os nossos filhos em que eles são ensinados a respeito da verdade transformadora da Palavra de Deus e a se comportarem no culto solene. Podemos treinar nossos filhos pequenos para orar no culto público sentando quietamente e juntando suas mãos só por um momento enquanto pedimos a Deus que abençoe o alimento. Também podemos treiná-los para ouvir um sermão ao nos sentarmos com eles, lermos uma história da Bíblia e responder às suas perguntas sobre essa história.¹⁸⁰ O culto familiar nos prepara para adorar a Deus no Dia do Senhor, enchendo nossa alma a semana inteira com a verdade de Deus, que transforma vidas.¹⁸¹

¹⁷⁸ BEEKE, Joel. **A Família na Igreja: ouvindo sermões e participando das reuniões de oração**. Os Puritanos. Edição do Kindle.

¹⁷⁹ PAYNE, Jon. **No Esplendor da Santidade: Redescobrimdo a Beleza da Adoração Reformada para o Século XXI**. Os Puritanos. Edição do Kindle. p. 31

¹⁸⁰ HYDE, Daniel R. **O Berçário do Espírito Santo: Acolhendo as crianças no culto**. Edição do Kindle. p. 89

¹⁸¹ PAYNE, Jon. **No Esplendor da Santidade: Redescobrimdo a Beleza da Adoração Reformada para o Século XXI**. Os Puritanos. Edição do Kindle. p. 35-36

Além de preparações espirituais e mentais, devemos nos preparar fisicamente. Nosso coração e nosso corpo devem estar preparados para sair “ao seu encontro com ações de graças” (Salmo 95.2; 100.2). Devemos descansar o suficiente para ser capaz de participar com atenção no culto a Deus.¹⁸² Para santificar o dia do Senhor, devemos preparar os nossos corações, e, com toda previsão, diligência e moderação, dispor e convenientemente arranjar os nossos negócios seculares, para que sejamos mais livres e mais prontos para os deveres desse dia.”¹⁸³

Todo esse preparo para nos encontrarmos com Deus revela que esta atividade não é feita com desleixo e por qualquer pessoa. Somente aqueles que conhecem a Deus podem adorá-lo. J. C. Ryle qualifica a verdadeira adoração como inteligente. Ele argumenta que Jesus repreendeu os samaritanos por eles adorarem de maneira ignorante (João 4.22). Quanto menos conhecemos a Deus, menos o adoramos corretamente e menos ainda nos comportamos corretamente em seu culto.¹⁸⁴ Assim como Ryle, Terry Johnson afirma a importância do conhecimento da verdade. Jesus denuncia que a adoração samaritana estava em erro e deveriam olhar para os judeus e, em particular, para o livro dos judeus, a Bíblia, a fim de aprender como adorar a Deus e, assim, fruir a salvação.¹⁸⁵

Dan Kimball, um dos grandes nomes do movimento emergente, sustenta a ideia de que pessoas não convertidas são capazes de adorar a Deus. Muitos líderes cristãos compartilham dessas ideias e com o intuito de “levar os perdidos a adorarem a Deus” modelam o culto dominical aos interesses dos descrentes como forma de atraí-los. O Rev. Fúlvio Leite rebate essa ideia antibíblica da seguinte forma:

Ao que parece, Kimball confunde estar presente no culto com o propósito do culto. A questão em cheque é: para quem é o culto? Ou ainda: qual o seu objetivo? Se seguirmos a orientação de Jesus em Jó 4:23-24, temos de reconhecer que o culto tem como alvo a adoração a Deus, feita por aqueles que Ele procura: “os verdadeiros adoradores”.¹⁸⁶

Fúlvio prossegue dizendo que por mais que o descrente esteja presente no momento de adoração congregacional, é impossível que ele sirva a Deus, pois o serviço do culto não pode ser prestado de maneira ignorante, ou seja, sem o verdadeiro entendimento descrito em Salmo 100.3; João 4.22-23 e Romanos 12.1-2. Esse entendimento só é dado àqueles que foram convertidos por Deus. Lamentavelmente, algumas igrejas levam as pessoas a acreditarem que

¹⁸² HYDE, Daniel R. **O Berçário do Espírito Santo: Acolhendo as crianças no culto**. Edição do Kindle. p. 92

¹⁸³ Catecismo Maior de Westminster, 117.

¹⁸⁴ RYLE, J. C. **Adoração. Prioridade, princípios e prática**. São Paulo: Editora Fiel, 2010. p. 8

¹⁸⁵ JOHNSON, Terry. **Adoração Reformada: A adoração que é de acordo com as Escrituras**. Os Puritanos. Edição do Kindle.

¹⁸⁶ LEITE, Fúlvio. **Adoração Emergente**. Disponível em: <http://www.fatin.com.br/download/conexao-teologica/revista-semesteral-vol2.pdf>. Acessado em 14 de maio de 2020.

adorar a Deus consiste apenas em uma presença física e desprezam o estado interior do homem, levando os outros à ilusão de que estão adorando a Deus.

Infelizmente, muitas igrejas evangélicas têm desviado seus olhos da Palavra de Deus e olhado com idolatria à cultura humana. James Boice afirma que a igreja se torna mundana quando abandona as verdades bíblicas difíceis de ouvir por métodos e agendas que os ouvidos do mundo apreciam. A falta de uma teologia sadia e a determinação de tornar-se relevante aos que a rodeiam, levou-a ao pragmatismo e consumismo. Quando algo ou alguém toma o lugar de Deus, encontramos um ídolo. É por isso que Boice trata as igrejas mundanas de hoje como idólatras, pois elas elevam o capricho e sentimentalismo humano ao patamar de Deus. “Os evangélicos negam o *sola scriptura* quando reinterpretem a Bíblia para que se ajuste às noções modernas de realidade, e quando ignoram seus ensinamentos com base em supostas revelações ou direcionamentos divinos particulares”¹⁸⁷

É notória a preocupação exagerada com a aparência da igreja – o marketing para fazê-la atraente e relevante, e estatísticas de sucesso. Toda essa técnica comercial usada na igreja leva os líderes a se afundarem ainda mais no erro de dividir a igreja, criando diversas programações e cultos, cada um focado em um determinado nicho social. Podemos denominar isso como uma preocupação de agradar a diversidade. Johnson nos alerta que quando há mais diversidade que unidade, a identidade da igreja é comprometida. As questões da unidade e da diversidade são antigas e complexas, mas não podemos senão chegar à conclusão de que em nossos dias a unidade tem sido comprometida pela diversidade.¹⁸⁸

Essa situação é uma prática recente, que não tem precedentes na história das igrejas Reformadas. Ela surgiu como uma tentativa de evangelismo e alcance dos perdidos, sem dúvida, uma nobre intenção, mas que traz consequências sérias e que não tem recebido a atenção que merece.¹⁸⁹ Johnson descreve que em nossos dias, a unidade foi comprometida em favor da diversidade. Não há mais uma adoração identificável entre igrejas reformadas e presbiterianas conservadoras. Como já salientamos, algumas congregações têm optado por uma direção mais litúrgica, algumas por uma direção contemporânea que busque ser mais sensível (*seeker-sensitive*), semelhante ao que o movimento emergente promove, e outras encontram-se ao longo do espectro entre os extremos.¹⁹⁰

¹⁸⁷ BOICE, James Montgomery; SASSE, Benjamim. **Reforma Hoje**. São Paulo; Editora Cultura Cristã: 1999. p. 7

¹⁸⁸ JOHNSON, Terry. **Adoração Reformada: A adoração que é de acordo com as Escrituras**. Os Puritanos. Edição do Kindle.

¹⁸⁹ Ibid.

¹⁹⁰ _____. **Adoração segundo as Escrituras**. Brasília: Monergismo, 2014. Edição do Kindle.

A pergunta que fica é: como as denominações reformadas vão evitar sua fragmentação em milhares de diferentes facções, se o multiculturalismo litúrgico hodierno não for restringido? Um erro que muitas vezes é cometido e tido como uma excelente ideia por missiólogos é na promoção de ministérios e cultos públicos balizados pelos gostos e preferências de cada subcultura nacional e internacional. Dessa forma, promovem-se cultos focados no público jovem, outros focados em um público mais idoso, e estendendo-se aos estilos punk, surfista, urbano etc. Por trás dessa mentalidade está a insistência em que toda música, vocabulário e formato estão à altura das circunstâncias — um relativismo estético, por assim dizer.

Todas essas práticas recentes não condizem com a nossa história reformada, nossos missionários reformados levaram suas ordens de culto e saltérios para terras estrangeiras porque essas obras eram percebidas não como a expressão de uma cultura particular, mas como uma cultura eclesiástica universal e teologicamente embasada.¹⁹¹ Devemos almejar um culto que transcenda nossos interesses culturais limitados, embasado nos padrões bíblicos universais ordenados por Deus.

Segundo Daniel Hyde, a fiel adoração cristã é um ato contra cultural pelo fato de os cristãos adotarem uma postura que vai contra a cultura do nosso mundo, a autonegação. A adoração é um momento em que deixamos de lado nossos labores e preocupações, cochichos e distrações, ansiedades e tensões. Deus nos manda desligarmos dos nossos interesses. Hyde identifica o espírito consumista e narcisista como as expressões culturais que mais afetam a adoração de crentes e visitantes, que entram nos cultos em busca de satisfação terrena, entretenimento, distração musical. Para estes, nós devemos apresentar a majestade do Santo Deus que está sendo adorado pelo seu Povo.¹⁹²

Algumas igrejas que se dizem reformadas têm negado o Princípio Regulador do Culto ao dar primazia à criatividade humana. Essa negação leva a igreja a uma enxurrada de criatividade litúrgica e muitas igrejas evangélicas, não todas, deixaram entrar por suas portas todo tipo de invenção. O melhor culto, agora, é aquele que é mais criativo, aquele que é fruto de muitas ideias. O pensamento hoje é de que a igreja que mais cresce é aquela que mais tem invenções e todo domingo tem uma novidade para o povo no seu culto. Essas invenções são vistas com frequência cada vez maior nas igrejas hoje. “Quando uma pessoa vem à igreja pelas

¹⁹¹ Ibid.

¹⁹² HYDE, Daniel. **O Que é um Culto Reformado: Por que em uma igreja Reformada o culto é tão diferente da maioria das outras igrejas?** Os Puritanos. Edição do Kindle.

novidades que ela oferece, ela se manterá na igreja através da manutenção dessas novidades que esta igreja produz”.¹⁹³

Muito tem se perguntado a respeito do uso de tecnologias no momento de adoração pública e se por acaso o Senhor nos dá alguma instrução acerca disso. Isso nos lembra que boa parte da nossa vida é vivida nas entrelinhas dos mandamentos explícitos e cabe a nós discernirmos tudo “à luz da natureza”, usando a “prudência cristã” e as “regras gerais da Palavra” para ajudar-nos a resolver questões circunstanciais como essas referentes às reuniões públicas.

Segundo Johnson, não devemos esperar textos bíblicos que respondam especificamente a essas questões, como, por exemplo, se deve ou não haver iluminação, projeção das letras de hinos e textos bíblicos, amplificação do som, e qual o horário e local do encontro da congregação. Essas são questões circunstanciais, já tratadas no capítulo anterior desta monografia, e que devem ser resolvidas através da prudência cristã.¹⁹⁴

Cientes de que um dos resultados da morte e ressurreição de Cristo foi a simplificação do culto do Antigo Testamento e que vivemos em uma era de adoração desprendida a lugares, calendários festivos, e tantos aparatos retratados no antigo testamento, os reformadores ressaltam que uma das maiores transformações que a adoração do povo de Deus recebeu foi sua simplificação. O culto é simples e devemos usar esse princípio para nos guiar quanto aos elementos circunstanciais.

Se o culto deve ser simples, sobrecarregar o culto é negligenciar a ordem dada por Deus que o nosso culto deve ser simples. Também é desprezar o sacrifício de Cristo na cruz, visto que, por causa de sua morte e ressurreição, o culto se ver livre dos muitos rituais e símbolos. Não devemos tentar reviver a pompa das liturgias medievais, muito menos abraçar as extravagâncias de alta voltagem da adoração contemporânea.¹⁹⁵ A simplicidade do culto o desprende de locais específicos. O culto pode ser realizado em uma residência, embaixo de uma árvore, em cavernas ou em grandes templos metropolitanos. Não existe mais a discussão se Deus deve ser adorado em Jerusalém ou Samaria (João 4.23-24), pois todos os ritos do Antigo Testamento eram figuras e sombras das coisas celestes e foram abolidas por Cristo. (Hebreus 8.5,6; 9.23). A igreja primitiva seguiu esse princípio ao usar um culto simples semelhante ao da sinagoga, com sua leitura da Escritura, seu sermão, suas orações e sua salmodia. Seus cultos

¹⁹³ BRASIL, Paulo. **O Templo, a Igreja e o Culto**. Recife: Os Puritanos, 2014. Edição do Kindle

¹⁹⁴ JOHNSON, Terry. **Adoração segundo as Escrituras**. Brasília: Monergismo, 2014. Edição do Kindle.

¹⁹⁵ JOHNSON, Terry. **Adoração Reformada: A adoração que é de acordo com as Escrituras**. Os Puritanos. Edição do Kindle.

eram simples cultos da Palavra, sacramentos e oração. Assim devem ser os nossos.¹⁹⁶ Princípio também seguido pelo apóstolo Paulo em suas pregações (1 Coríntios 2.1-5) ao renunciar às tendências homiléticas da época que ofuscavam o evangelho. Pois o anúncio do evangelho dispensa qualquer truque e astúcia humana. Um culto simples não tem a ver com mediocridade, mas em despojar-se de leituras melodramáticas, pregações extravagantes, orações de performance. É dispensar o show de luzes, telões e todas as suas pirotecnias.

O grande problema do exagero no uso das tecnologias é que elas roubam a atenção dos adoradores dos meios ordinários da Palavra, dos sacramentos e da oração que são os meios primordiais que Deus prometeu usar, tanto para comunicar o evangelho como para transformar seu povo.¹⁹⁷ Devemos, então, caminhar contra a pompa e cerimônia tradicionais da Igreja Católica Romana e das produções elaboradas dos cultos contemporâneos com tecnologia de ponta, e nos agarrarmos à grande benção e ordenança da simplicidade da adoração cristã, visto que ela leva o adorador, reverentemente, a concentrar o foco em Cristo, e este crucificado.¹⁹⁸

Outro grande problema do mau uso das tecnologias é que elas enganam os adoradores, fazendo-os achar que adoraram devido a empolgação que a fumaça, luzes pirotécnicas, um caríssimo sistema de som da melhor qualidade pode produzir. Esses são os instrumentos usados em shows que empolgam uma multidão de fãs, e que acabam induzindo os cristãos a um êxtase passageiro. Devemos nos perguntar: e quando esses membros se mudarem de cidade e não encontrarem uma igreja à altura? Que Deus os livre, mas e se essas tecnologias forem furtadas? Qual a porcentagem de dinheiro, energia e tempo é gasto em toda essa produção suntuosa? No presente, há muitas igrejas em que o culto a Deus é realizado com tão grande quantidade de vestes pomposas, velas acesas e cerimônias teatrais que destroem o propósito da adoração. A simplicidade deve ser a principal característica da adoração nesta época do novo testamento. Ornamentos podem ser usados em algumas ocasiões, com mãos precavidas. Nem nos evangelhos, nem nas epístolas, achamos o menor fundamento para cerimoniais suntuosos assim abrilhantados, ou para muitos símbolos, exceto a água, o pão e o vinho. Afinal de contas, a impiedade inerente da natureza humana é tal que nossa mente está pronta a afastar-se imediatamente das coisas espirituais para as coisas visíveis. Quer os homens gostem, quer não, o coração do homem precisa do ensino de que não há proveito algum em ornamentos exteriores sem a graça interior.¹⁹⁹

¹⁹⁶ Ibid.

¹⁹⁷ Breve Catecismo de Westminster, p. 88.

¹⁹⁸ PAYNE, Jon. **No Esplendor da Santidade: Redescobrimdo a Beleza da Adoração Reformada para o Século XXI**. Os Puritanos. Edição do Kindle. p. 23

¹⁹⁹ RYLE, J. C. **Adoração. Prioridade, princípios e prática**. São Paulo: Editora Fiel, 2010. P. 15

Culturalmente, a alegria no culto tem sido definida como um descontrole em suas palavras, arrepios, êxtase durante as músicas e solos de guitarra. Porém, como tudo no culto, devemos nos alegrar biblicamente, não culturalmente. Não devemos associar a alegria às emoções desenfreadas ou com o pentecostalismo. Agitação não é necessariamente alegria. Alegria é uma atitude, uma qualidade do coração. Como Daniel Hyde muito bem expressa, estar alegre é estar grato ao Senhor por nos libertar de nossa condenação. Este é um ponto que devemos enfatizar. A alegria no culto será cultivada e expressa somente quando as pessoas estão profundamente convictas dos seus pecados e de sua miséria.²⁰⁰

Infelizmente muitas igrejas tentam fabricar a alegria e a satisfação dos seus participantes através de um apelo sensorial. Mas a Bíblia nos revela que a verdadeira alegria no culto não está fundamentada em invenções humanas, mas no entendimento da obra da trindade em nosso destino. Este entendimento é suficiente para resultar na alegria dos adoradores. Se a alegria verdadeira depende somente desses elementos, então automaticamente torna-se desnecessário o uso de tantas parafernalias no culto (telão, equipamentos avançados de transmissão, louvor a nível profissional, jogo de luzes, uma bela arquitetura etc.).

O que notamos é que quanto mais a igreja se distancia do culto fiel às escrituras, mais ela se torna infeliz, levando-a a fazer uso dessas parafernalias na tentativa de alcançar a verdadeira alegria que nunca alcançarão. Uma tentativa frustrada de fabricar a alegria que só o Espírito Santo pode produzir nos corações. De fato, essas pessoas podem, sim, sentir algum tipo de emoção ao sair desses cultos, mas não podemos esquecer que os sentimentos religiosos são bastante enganosos. Existe uma empolgação natural produzida em algumas mentes por ouvirem música espiritual e assistirem a espetáculos religiosos, mas essa empolgação não é verdadeira devoção. Essa empolgação é forte e contagiante enquanto dura; mas logo vem e logo se vai. É apenas uma influência sensitiva natural que até um romanista pode sentir ocasionalmente, mas, apesar disso, ele continua romanista tanto em doutrina como em prática.²⁰¹

Essa “energia”, em outras igrejas evangélicas, é promovida por fenômenos e manifestações sobrenaturais, muitas das quais envolvem a perda do controle emocional por parte dos crentes e que não necessitam de algum tipo de tecnologia. Boa parte dos movimentos e ministérios atuais relacionados com “a terceira onda” do espírito focalizam-se nessas experiências. Mas um culto em que o espírito de Deus está verdadeiramente no controle haverá

²⁰⁰ HYDE, Daniel. **O Que é um Culto Reformado: Por que em uma igreja Reformada o culto é tão diferente da maioria das outras igrejas?** Os Puritanos. Edição do Kindle.

²⁰¹ RYLE, J. C. **Adoração. Prioridade, princípios e prática.** São Paulo: Editora Fiel, 2010. P. 18

de produzir ordem e decência, sobriedade e equilíbrio. É bem verdade que, como alguns exemplos da história da igreja nos mostram, podem haver profunda emoção e ações físicas, como tremores, desmaios e quedas. Mas até essas coisas ocorrem numa perfeita ordem espiritual, bem diferente da histeria e descontrole que, por vezes, caracterizam alguns encontros neopentecostais.²⁰²

Se perguntarmos aos adoradores pentecostais, carismáticos ou emergentes se eles sentem alguma espécie de poder e senso, muitos responderão positivamente. A respeito dessas experiências de adoração, A. W. Tozer comenta que de fato pode haver um tipo de adoração, mesmo que apartada de Cristo, e uma experiência religiosa autêntica também apartada de Cristo. Mas isso não significa que essas experiências religiosas ou formas de adoração sejam aceitáveis a Deus. Há certos tipos de adoração que Deus não aceita, embora sejam oferecidas e dirigidas a Ele. Pagãos oferecem suas adorações sinceras aos deuses errados, enquanto a adoração de alguns cristãos é oferecida ao Deus correto, mas da maneira errada.²⁰³ A adoração errada a Deus revela a falta de conhecimento ao Deus que pretendem adorar ou o desprezo pela Palavra de Deus.

Pelo fato de a adoração dizer respeito ao próprio cerne da fé cristã e da piedade, devemos ser conduzidos apenas pelas Escrituras, e não pela cultura, invenções humanas ou sugestões de Satanás no que concerne ao que fazemos na adoração. Como igrejas reformadas, podemos facilmente cair na armadilha de “reinventar a liturgia” ou ficar tão presos ao “princípio regulador” de que nos esquecemos de como e por que devemos adorar. Isto está em contraste com a maioria dos cultos evangélicos, nos quais a adoração é vista como verdadeiramente baseada naquilo que nos faz sentir. Como um autor coloca, para o evangélico moderno, a adoração é definida exclusivamente em termos da experiência do indivíduo. Adoração, então, não se trata de adorar a Deus, mas de ser alimentado com sentimentos religiosos, tanto assim que o adorador se tornou o objeto da adoração.²⁰⁴

4.3 Preparando-se para a eternidade

John Frame explica a importância do culto partindo do objetivo para o qual o homem foi criado: A glória de Deus. De acordo com Efésios 1.1-14, a conclusão de tudo, o objetivo

²⁰² LOPES, Augustus Nicodemus. **O Culto Espiritual: um estudo em 1Coríntios sobre questões atuais e diretrizes bíblicas para o culto cristão**. São Paulo: Cultura Cristã, 2012. p. 81

²⁰³ TOZER, A. W. **O que Aconteceu com a Adoração?** Campos, RJ: Faz chover, 20014. Edição do Kindle. p. 28

²⁰⁴ HYDE, Daniel. **O Que é um Culto Reformado: Por que em uma igreja Reformada o culto é tão diferente da maioria das outras igrejas?** Os Puritanos. Edição do Kindle.

para o qual toda a história caminha é o louvor, o ‘louvor da sua glória.’²⁰⁵ Ainda em algumas passagens seletas, ele apresenta que o objetivo de Deus nos ter escolhido para sermos seu povo, enviar seu único filho para morrer por ele, tinha como único objetivo a adoração.²⁰⁶ Portanto, o propósito de toda a história do mundo é a adoração.

Assertivamente, John MacArthur afirma que o tema por todo o Novo Testamento até o livro de Apocalipse é a adoração. O tema das escrituras, da eternidade e da história da redenção é prestar culto ao verdadeiro e glorioso Deus.²⁰⁷

Durante o culto, o adorador alimenta a esperança de experimentar o encontro com aquele que tanto ama e, seguramente, não ficará desapontado. Ele concentra sua imaginação no futuro. Como a ceia nos estimula a reviver o passado, também torna real o presente e o futuro. A adoração pública dominical, para quem ama ao Senhor, dá algumas das alegrias futuras, ainda que pouco perceptível. (1 Coríntios 13.12)

No desdobramento da história da redenção — do Jardim do Éden até agora —, o Sábado Cristão tem sido tanto uma bênção divina como uma obrigação moral. Seu cumprimento final se dará na volta de Cristo, quando todos os eleitos de Deus serão conduzidos para entrarem no eterno Sábado do pecado, oferecendo a perfeita adoração na presença de Deus para sempre e sempre (Hebreus 4.1-13; Apocalipse 7.9-12). Deus nos deu um dia especial — o Dia do Senhor — para descansarmos de nossos labores ordinários e focarmos nosso coração e mente, com absoluta atenção e intenção no Deus trinitário e nas suas gloriosas obras de criação e redenção.

Santificamos o Dia do Senhor congregando-nos para o culto público e empregando o restante do dia em obras de piedade, necessidade e misericórdia (Confissão de Fé de Westminster, XXI.VIII). O Dia do Senhor nos concede a antevisão do nosso descanso celestial, quando deixamos de lado nossos labores terrenos; o antegozo do grande banquete de casamento, quando nos aproximamos da Mesa do Senhor (Apocalipse 19.6-10); e a vivência antecipatória e prospectiva da eterna comunhão com Deus e seu povo glorificado. Tudo isso ocorre, quando passamos os domingos exercitando a nossa fé em Cristo no contexto do culto público e participando o dia inteiro da comunhão amorosa entre os crentes centrada em Deus (Apocalipse 7.9-17).²⁰⁸

²⁰⁵ FRAME, John. **Em Espírito e Em Verdade**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006. p. 32.

²⁰⁶ Conferir 1Coríntios 10.31; Apocalipse 5.13; 7.12; 1 Pedro 2.9; Romanos 15.8-11.

²⁰⁷ MACARTHUR, John. **A Essência da verdadeira adoração: descubra como adorar a Deus de todo coração**. São Paulo: Editora Hagnos, 2018. p. 61

²⁰⁸ PAYNE, Jon. **No Esplendor da Santidade: Redescobrimdo a Beleza da Adoração Reformada para o Século XXI**. Os Puritanos. Edição do Kindle. p. 94

Podemos dizer que o culto é uma prévia do céu, porque nele estamos nos encontrando com Deus para receber seu ministério, para quebrar o padrão tirânico do mundo, e nos juntarmos ao coro escatológico, vamos fazê-lo com reverência e santo temor, porque o nosso Deus é fogo consumidor (Hebreus 12.28-29).²⁰⁹ Na pátria celestial haverá a presença real de Deus, que dispensará a presença de templos, sol, lua, estrelas. O céu será iluminado como pura manifestação do Esplendor de Deus.²¹⁰

Existem três descansos mencionados nas Escrituras. Eles são distintos e interligados um ao outro. Existe o sábado da criação, o sábado da Redenção, onde Deus convida o homem a descansar e regozijar-se com ele na obra consumada de Cristo Jesus e existe o sábado da Glória ainda por vir, que não substituirá os dois anteriores, mas envolverá e englobá-los-á, quando, depois de restaurada a criação, completa a Redenção, e as duas continuarem na glória de Deus, o Espírito Santo entrará em seu descanso, e chamará os seus Santos para descansarem com ele também, regozijando-se por toda a eternidade no último e mais elevado- o sábado de Deus.²¹¹ O descanso do domingo é, em escala menor, o descanso eterno que o povo de Deus tanto almeja.

Visto que o pecado nos afastou de Deus, de acordo com Apocalipse 21.3, Berkof descreve uma das recompensas que os justos receberão como sendo o desfrutar da comunhão com Deus.²¹² Em harmonia com Berkof, Millard Erickson descreve o céu como a presença de Deus, também fazendo referência a Apocalipse 21.3. Essa presença de Deus dará aos justos semelhança ao Pai e grande entendimento a respeito do que nos rodeia.

Conforme os vislumbres celestiais de Apocalipse 19.1-8 e Isaías 6.3, a atividade regular dos seus habitantes será a adoração, indicando uma continuidade desta atividade iniciada aqui na terra. Devemos ver os momentos de adoração pública como uma preparação e exercício para o uso futuro de nossos corações e vozes.²¹³ Alguns demonstram desapontamento quando descobrem que no céu não haverá Coca-Cola, fastfood, intimidades conjugais e outros meios de prazer típicos deste período de queda. Parece-nos que essas pessoas não se satisfazem com o novo céu e a nova terra de Deus, antes, se importam mais com um paraíso em acordo com seus gostos pessoais.

²⁰⁹ HYDE, Daniel. **O Que é um Culto Reformado: Por que em uma igreja Reformada o culto é tão diferente da maioria das outras igrejas?** Os Puritanos. Edição do Kindle.

²¹⁰ SPROUL, R.C. **Somos Todos Teólogos: uma introdução à teologia sistemática.** São José dos Campos, SP. Fiel, 2017. p. 476

²¹¹ BANNERMAN, James. **A Igreja de Cristo: Um tratado sobre a natureza, poderes, ordenanças, disciplina e governo da igreja cristã. Vol 1 e 2.** Recife: Os Puritanos, 2014. p. 404.

²¹² BERKOF, Louis. **Teologia Sistemática.** São Paulo: Cultura Cristã, 2012. p. 732

²¹³ ERICKSON, Millard. **Teologia Sistemática.** São Paulo: Vida Nova, 2015 p. 1170 – 1172.

É realmente triste saber que muitos veem o céu como uma amplificação de meros prazeres humanos. De acordo com tudo que vimos até então, se alguém não gosta muito de ir ao culto e adorar a Deus, também não vai gostar do céu. Existe outro lugar preparado para esses desobedientes ao Deus Todo-Poderoso.

Mas enquanto esse dia não chega, vamos seguindo na luta contra aqueles que pervertem a adoração ao Senhor. Até lá, o joio há de crescer com o trigo até a colheita. Os meios da graça continuarão sendo necessários; a conversão e a santificação serão então o que sempre foram. Vivamos esperançosos, domingo a domingo, na volta do nosso Rei Jesus Cristo para vivermos um eterno culto ao nosso Deus amado.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi fundamentado na Palavra de Deus através de uma perspectiva bíblico-reformada e visa facilitar o entendimento da importância de obedecermos às normas de adoração estabelecidas pelo nosso Senhor Deus nas Sagradas Escrituras, a fim de que nosso culto seja agradável a Ele e sua igreja seja edificada.

Abordamos o fato de que as Escrituras são suficientes para o culto ao Senhor, e nela encontramos claramente um princípio regulador desse culto, que ordena que façamos estritamente aquilo que é ordenado por Deus.²¹⁴ Sendo assim, é totalmente ilegítimo de nossa parte inserirmos costumes humanos ou retirarmos elementos ordenados por Deus em sua adoração.

Vimos a concordância entre o reformador João Calvino e os símbolos de Fé de Westminster, Catecismo de Heidelberg e a Confissão Escocesa quanto ao dever de reconhecer as obrigações impostas por Deus ao culto, e não só as praticar como opor-se aos cultos falsos. Devido à natureza espiritual do culto, nossa correta participação ao culto se dá não somente à submissão às Escrituras, mas da obra de Cristo e do Espírito Santo, uma vida piedosa e máxima concentração em Deus durante a leitura, oração, canto, pregação da Palavra e participação dos sacramentos.

Salientamos a necessidade de um preparo constante para o culto público por meio de exercícios devocionais ordenados pelo próprio Senhor.²¹⁵ Ao meditarmos, orarmos e cantarmos ao nosso Deus durante a semana, somos lembrados de nossa pecaminosidade, da suficiência de Cristo e sua mediação. Consequentemente, apresentamos um culto inteligente, onde nossa adoração será frutífera, livre de qualquer desejo mundano, para acolhermos a Palavra com mansidão a qual é poderosa para salvar.²¹⁶ Salientamos que cultuar a Deus é o tema das Escrituras, o tema da eternidade e o tema da história da redenção e principalmente como o livro de Apocalipse revela a respeito da eterna adoração universal.²¹⁷

Como Igreja Reformada, somos desafiados a continuar sempre promovendo a reforma na igreja de Cristo. A perda da centralidade de Deus na vida da igreja e a ignorância da soberania de Deus no culto hoje é comum. Necessitamos nos atentar aos demais cultos

²¹⁴ CALVINO, J. **As Institutas. Edição Clássica, Vol. 1.** São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2006. p. 68

²¹⁵ BURROUGHS, Jeremiah. **Adoração Evangélica.** Os Puritanos. Edição do Kindle.

²¹⁶ RYLE, J. C. **Adoração. Prioridade, princípios e prática.** São Paulo: Editora Fiel, 2010. p. 8

²¹⁷ MACARTHUR, John. **A Essência da verdadeira adoração: descubra como adorar a Deus de todo coração.** São Paulo: Editora Hagnos, 2018. p. 60

evangélicos que têm desvirtuado a adoração cristã e corrigi-los com todo zelo e amor em Cristo a fim de que nosso Deus seja glorificado.

Muitas igrejas fogem do padrão bíblico de adoração com a desculpa de que fazem isso para alcançar os perdidos e se tornarem relevantes em nossa sociedade pós-moderna através de suntuosas estruturas tecnológicas, beleza estética e uma agenda guiada pelo mundo. Infelizmente, todo esse brilho humano tem ofuscado a beleza do evangelho e acaba atraindo pessoas mais interessadas nesses aparatos meramente humanos do que pela beleza do evangelho. Já outras, também por sua deficiência teológica, tornam o culto um show de fenômenos sobrenaturais e descontrola emocional. No outro extremo, há aqueles que se prendem exclusivamente à verdade, mas sua falta de espírito e amor tornam todo o serviço enfadonho, pois tudo não passa de hipocrisia.

Visto que o povo de Israel foi tirado do Egito para adorar o Senhor Deus (Êxodo 5.1-5), que Ele nos chamou das trevas para Sua maravilhosa luz (1 Pedro 2.9), e que Ele procura verdadeiros adoradores (João 4.23), entendemos que o nosso destino como Seu povo é adorá-lo por meio de nosso viver e na comunhão dos Santos, falhar na adoração consiste em falhar em tudo.

Somos lembrados das palavras do nosso Senhor Jesus, ao alertar que os hipócritas fariseus eram adoradores impiedosos (Mateus 15.7-9 e Marcos 7.6-9) porque muito estimavam as tradições humanas. Durante o culto podemos aparentar sermos os mais piedosos da congregação, mas não enganamos Aquele que julga segundo o proceder e atitude do coração (Atos 5.1-11). No Antigo e Novo Testamentos encontramos o nosso Deus manifestando sua ira santa contra aqueles que desobedeceram às prescrições dadas por Ele. O zelo de Deus ao seu culto nos conscientiza de que saber adorar a Deus é uma questão de vida ou morte.

Ao analisarmos todas as dificuldades enfrentadas pela Igreja, nosso coração agradece ao Senhor por preservá-la até os dias de hoje no serviço da adoração. Por mais que em alguns longos períodos da história vejamos a Igreja apartada da Palavra do Senhor, sabemos que Deus, em sua infinita graça, levanta homens para repreenderem os lobos ferozes e pastorear o Seu rebanho no bom caminho.

Devemos sondar nossos corações e procurar sempre adorar ao Senhor e receber as bênçãos vindas de sua presença especial, pois esse é o nosso destino para toda a eternidade (Apocalipse 21.3; Apocalipse 19.1-8 e Isaías 6.3). Que nossa vida e nossa esperança estejam fixas no destino glorioso que Deus preparou para os seus adoradores. Amém!

REFERÊNCIAS

ANGLADA, Paulo. **Atos, volume 1: O Testemunho apostólico em Jerusalém**. Ananindeua: Knox Publicações, 2015.

_____. **Sola Scriptura: A Doutrina Reformada das Escrituras**. Knox Publicações. Edição do Kindle

_____. Trecho de um estudo que faz parte de uma série sobre a **Fé Reformada** ministrada na Igreja Presbiteriana Central do Pará em 2008 pelo Rev. Paulo Anglada, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=8vqTPlk3jGg>; acesso em 2 de junho de 2020.

ARNOLD, Bill; BEYER, Bryan. **Descobrimo o Antigo Testamento, Uma perspectiva Cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

BANNERMAN, James. **A Igreja de Cristo: Um tratado sobre a natureza, poderes, ordenanças, disciplina e governo da igreja cristã. Vol 1 e 2**. Recife: Os Puritanos, 2014.

BEEKE, Joel, JONES, Mark. **Teologia Puritana: doutrina para a vida**. São Paulo: Vida Nova, 2016.

_____. **A Família na Igreja: ouvindo sermões e participando das reuniões de oração**. Os Puritanos. Edição do Kindle.

BERKOF, Louis. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.

BOICE, James; VEITH, Gene; HORTON, Michael; FERGUSON, Sinclair; e outros. **Reforma Hoje**. São Paulo: Cultura Cristã, 1999.

BOND, Douglas. **A Poderosa Fraqueza de John Knox (Um Perfil de Homens Piedosos)**. Editora Fiel. Edição do Kindle.

BRASIL, Paulo. **O Templo, a Igreja e o Culto**. Recife: Os Puritanos, 2014. Edição Kindle.

BROTTO, Rodrigo. **O Exílio do Coronavírus: Quando Deus tirou o Seu Culto de Sua Igreja**. Natal: Nadere Reformatie Publicações, 2020. Edição Kindle.

BURROUGHS, Jeremiah. **Adoração Evangélica**. Os Puritanos. Edição do Kindle.

CAIRNS, Earle. **O Cristianismo através dos séculos**. Edições Vida Nova: São Paulo, 1988.

CALVINO, J. **As Institutas. (Edição Clássica, Vol. 1).** São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2006.

_____. **As Institutas. (Edição Clássica, Vol. 3).** São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2006.

_____. **As Institutas. (Edição Clássica, Vol. 4).** São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2006.

_____. **Comentário de João - Vol. 1 (Série Comentários Bíblicos João Calvino).** Editora Fiel. Edição do Kindle.

_____. **Comentário de Salmos - Vol. 2 (Série Comentários Bíblicos João Calvino).** Editora Fiel. Edição do Kindle

CANUTO, Manoel. **A Fé Protestante.** Disponível em: http://www.monergismo.com/textos/teologia_reformada/fe-protestante_canuto.pdf, acesso em: 17 de maio de 2020.

CARSON, D. A. **Igreja Emergente, o movimento e suas implicações.** Edições Vida Nova. São Paulo, 2010.

CESARÉIA, Eusébio. **História Eclesiástica. Patrística.** São Paulo: Paulus, 2014.

CLARK, Gordon. **De Tales a Dewey.** São Paulo: Cultura Cristã, 2012.

COSTA, Hermisten. **Princípios Bíblicos de Adoração Cristã.** São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

DEMAR, Gary. **Pós-modernidade.** Disponível em: http://www.monergismo.com/textos/pos_modernismo/def-posmodernismo_demar.pdf, acesso em 27 de abril de 2020

Centro Presbiteriano Andrew Jumper. **A Didaquê.** Disponível em: <https://cpaj.mackenzie.br/historia-da-igreja/a-didaque/>, acesso em: 26 de março de 2020.

DIXHOORN, Chad Van. **Guia de Estudos da Confissão de Fé de Westminster.** São Paulo: Cultura Cristã, 2017.

DOUMA, Jochem. **Os Dez Mandamentos: Manual para a vida cristã.** São Paulo: CLIRE, 2019.

ERICKSON, Millard. **Teologia Sistemática.** São Paulo: Vida Nova, 2015.

FERREIRA, Franklin. **A Igreja Cristã na História.** Vida Nova. Edição do Kindle.

FRAME, John. **A Doutrina da Vida Cristã.** São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

_____. **Em Espírito e Em Verdade**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

GEERHARDUS, Johannes Vos. **Catecismo Maior de Westminster Comentado**. São Paulo: Os Puritanos, 2015.

GESENIUS, Friedrich. **Gesenius' Hebrew-Chaldee Lexicon To The Old Testament Scriptures**. Oxford University, 1860

GONZÁLEZ, J. **Breve Dicionário de Teologia**. São Paulo, SP: Hagnos, 2009.

_____. **Eusébio de Cesaréia**. Disponível em http://www.monergismo.com/textos/biografias/eusebio_cesareia_justo.htm, acesso em 3 de abril de 2020.

GRONINGEN, Gerard. **Revista Os Puritanos**. Ano VIII, nº 3, abril, maio, junho. 2000

HAMILTON, Ian. **Revista Os Puritanos**. Ano VIII, nº 3, abril, maio, junho. 2000.

HAMILTON, Victor. **Comentários do Antigo Testamento, Êxodo**. São Paulo: Cultura Cristã, 2018

HAYKIN, M. A. G. **Redescobrimos os Pais da Igreja: Quem eles eram e como moldaram a igreja**. São José dos Campos, SP: Editora FIEL, 2012.

HENDRIKSEN, William. **Comentário do Novo Testamento. 1 e 2 Tessalonicenses, Colossenses e Filemon**. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

_____. **Comentário do Novo Testamento. 1 e 2 Timóteo e Tito**. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

_____. **Comentário do Novo Testamento. Mateus, Vol. 2**. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

HIPONA, Agostinho. **Agostinho através dos tempos: uma enciclopédia**. São Paulo: Paulus, 2018

_____. **Cidade de Deus**. Edição do Kindle.

HODGE, A.A. **Confissão de Fé de Westminster comentada por A. A. Hodge**. São Paulo: Os Puritanos, 1999.

HORN, Leonard T. Van. **Estudos no Breve Catecismo de Westminster**. São Paulo: Os Puritanos, 2009.

HORTON, Michael. **Calvino e a Vida Cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2017.

HYDE, Daniel R. **O Berçário do Espírito Santo: Acolhendo as crianças no culto**. Edição do Kindle.

_____. **O Que é um Culto Reformado: Por que em uma igreja Reformada o culto é tão diferente da maioria das outras igrejas?** . Os Puritanos. Edição do Kindle.

KAISER, Walter. **Teologia Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1988

KISTEMAKER, Simon J. **The Lord's prayer in the first century**. Journal of the evangelical theological society, v 21, n 4, 1978. Disponível em: https://www.etsjets.org/files/JETS-PDFs/22/22-1/22-1-pp015-026_JETS.pdf. Acesso em: 28 de março de 2020, às 19:38.

_____. **Comentário do Novo Testamento, Atos, Vol. 1**. São Paulo: Cultura Cristã, 2018.

KLEYN, Daniel. **John Knox Sobre Liturgia e Adoração**. Os Puritanos. Edição Kindle.

L. JOHNSON, Terry. **Adoração segundo as Escrituras**. Brasília: Monergismo, 2014. Edição do Kindle.

_____. **Adoração segundo as Escrituras**. São Paulo: Os Puritanos. Edição do Kindle.

LAWSON, S. J. **Pilares da Graça (AD 100–1564), Vol. 2**. São José dos Campos, SP: Editora FIEL, 2013.

LEITE, Fúlvio Anderson Pereira. Zeitgeist. Recife: **Aula de Cosmovisão Calvinista**. Seminário Presbiteriano do Norte, em 30 de Abril de 2020.

_____. **Adoração Emergente**. Disponível em <http://www.fatin.com.br/download/conexao-teologica/revista-semestral-vol2.pdf>. Acesso em 14 de maio de 2020.

LIM, J. J. **WCF 21: Of religious worship And the sabbath day**. Disponível em: <http://www.pilgrim-covenant.com/westminster-confession-studies> <http://www.pilgrim-covenant.com/westminster-confession-studies> acessado em: 26 de agosto de 2020

LOPES, Nicodemus. **Puritanismo**. Disponível em: http://www.monergismo.com/textos/puritanos/puritanismo_augustus.htm, acesso em: 26 de abril de 2020.

_____. **O Culto Espiritual: um estudo em 1Coríntios sobre questões atuais e diretrizes bíblicas para o culto cristão**. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.

MACARTHUR, John. **A Essência da verdadeira adoração: descubra como adorar a Deus de todo coração.** São Paulo: Editora Hagnos, 2018.

MARQUES, Marcos André. **O DNA do Sistema Presbiteriano.** São Paulo: Fonte Editorial, 2018.

MULLER, Richard A. **Scripture and Worship : biblical interpretation and the directory for public worship.** Phillipsburg, New Jersey: P&R Publishing Company, 2007.

NICHOLS, Robert Hastings. **História da Igreja Cristã.** Cultura Cristã; São Paulo: Cultura Cristã, 2000.

Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2011.

OLIVEIRA, Anilton. **Estudo Introdutório À Didaquê: Além Da Reerência Ao Batismo.** Revista Ensaios teológicos. Vol 4. Nº 1. Junho 2018.

OWEN, John. **Apostasia do Evangelho.** São Paulo: Os Puritanos, 2002.

PATRÍSTICA: Padres Apostólicos. São Paulo: Editora Paulus, 2014.

PAYNE, Jon. **No Esplendor da Santidade: Redescobrimdo a Beleza da Adoração Reformada para o Século XXI.** Os Puritanos. Edição do Kindle

R. TRUEMAN, Carl. **O imperativo confessional.** Editora Monergismo. Edição do Kindle.

ROMA, Justino de. **Patrística - Justino de Roma I e II Apologias | Diálogo com Trifão.** Paulus Editora. Edição do Kindle.

RYLE, J. C. **Adoração. Prioridade, princípios e prática.** São Paulo: Editora Fiel, 2010.

SALVADOR, José Gonçalves. **O Didaquê. O ensino do Senhor através dos doze apóstolos.** Col. Padres Apostólicos, vol. II. São Paulo: Edição publicada pela Junta Geral de Educação Cristã da Igreja Metodista do Brasil, 1957.

SCHWERTLEY, Brian. **Sola Scriptura e o Princípio Regulador do Culto.** São Paulo: Os Puritanos, 2001.

SHEDD, Russel. **A adoração bíblica: Os fundamentos da verdadeira adoração.** São Paulo: Vida Nova, 2007

SPROUL, R.C. **Somos Todos Teólogos: uma introdução à teologia sistemática**. São José dos Campos, SP. Fiel, 2017.

VARNER, William. **The Didache's Use Of The Old And New Testaments**. William Varner Professor of Biblical Studies The Master's College. Disponível em: <https://www.tms.edu/m/tmsj16f.pdf>. Acesso em: 31 de março de 2020.

TOZER, A. W. **O que Aconteceu com a Adoração?** Campos, RJ: Faz chover, 20014. Edição do Kindle.

WALTKE, Bruce. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2015.

WIESKE, Garrelt. **O Glorioso Evangelho da Graça**. Recife: Clire, 2013